

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL – CAMPUS FELIZ**

ANDRÉ RAFAEL HERZER

**A REMIÇÃO PELA LEITURA E O PROCESSO DE
(TRANS)FORMAÇÃO DOS APENADOS**

FELIZ, RS

2020

ANDRÉ RAFAEL HERZER

**A REMIÇÃO PELA LEITURA E O PROCESSO DE
(TRANS)FORMAÇÃO DOS APENADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz

Orientadora: Prof^a Dra. Izandra Alves

FELIZ, RS

2020

Aos que acreditam no poder transformador da leitura.

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa representa o encerramento de mais um ciclo na minha vida. Por mais esse avanço, não posso deixar de agradecer aos meus pais Ana Maria e Osmar Herzer. Eles são minha base e os tenho como exemplos de resiliência e integridade.

Agradeço à minha namorada Cássia Grazielle Lima de Oliveira, pelo constante incentivo e pela celebração das pequenas vitórias ao longo da pesquisa. Ao meu irmão Eduardo Herzer e à minha cunhada Fabíola Flores, bem como aos meus primos e amigos, agradeço a companhia nos necessários momentos para desopilar.

À professora Izandra Alves agradeço por ter topado o desafio de orientar esse trabalho. Não posso deixar de ser grato por toda a sabedoria compartilhada, pelas dicas dadas, pelos livros emprestados e pelos momentos de aconselhamento.

Aos professores do IFRS Campus Feliz, especialmente os do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, sou grato por todo o conhecimento compartilhado ao longo dos semestres. Agradeço por muitas vezes terem dividido com os alunos suas experiências que, não raro, traziam mais ensinamento do que as leituras indicadas.

Aos colegas de curso, agradeço pela parceria nas diversas cadeiras, pelos debates tidos e pelos momentos de descontração vividos.

À Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (Susepe) e seus servidores, agradeço a disponibilidade, a confiança e a abertura para que essa pesquisa fosse realizada.

À Moa, a mais companheira das cadelas, agradeço pelo companheirismo nos momentos de leitura e de escrita que fizeram parte deste trabalho.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe-se a trazer dados e reflexões acerca do projeto de remição de pena pela leitura desenvolvido pela Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (Susepe) e de como as ações vinculadas a ele afetam os apenados. O projeto em questão leva a leitura ao presídio, um espaço de crise, conforme nomeia a pesquisadora Michèle Petit, com o intuito de remir dias de pena daqueles que participam da proposta. Os dados levantados para essa pesquisa vêm de entrevistas realizadas com a equipe que coordena e executa a ação em duas casas prisionais do Rio Grande do Sul. As informações e impressões colhidas são cruzadas, principalmente, com as teorias de Petit, que aborda a leitura nos espaços de crise, e de Jorge Larrosa, que trata da experiência da leitura como forma de (trans)formação do leitor. Assim, por meio da análise desses dados, constatamos como a leitura e a produção textual se apresentam como alternativas e possibilidades de mudança àqueles que participam do projeto tanto como apenado quanto como mediador, demonstrando que, seja nas primeiras palavras ou no centésimo livro, a leitura carrega em si um poder (trans)formador.

Palavras-chave: leitura, apenados, remição, transformação, espaço de crise

ABSTRACT

This study aims to provide data and reflections on a sentence remission project through reading, which is developed by the Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (Susepe), and how the actions linked to it affect the inmates. The project in question takes reading to the prison, a space of crisis, according to the researcher Michèle Petit's concept, as a reason to reduce the sentence of the inmates who participate in the proposal. The data used in this investigation comes from interviews with the team that coordinates and promotes the actions in two prisons in Rio Grande do Sul. The information and impressions collected were merged, mainly, with Petit's theories, which addresses reading in spaces of crisis, as well as Jorge Larrosa's one, which deals with the reading experience as a way of (trans)forming the reader. This study has verified, through the analysis of the collected data, how reading and textual production present themselves as alternatives and possibilities to change those who participate in the project as inmate or as a mediator, demonstrating that either in the first words or in the hundredth book to be read the act of reading carries a (trans)forming power.

Keywords: reading, inmates, remission, transformation, space of crisis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. DA METODOLOGIA.....	11
3. PRISÃO, REMIÇÃO E MEDIAÇÃO	15
3.1. Prisão.....	15
3.2. Remição.....	19
3.3. Mediação	23
4. LEITURA NO CÁRCERE: A POSSIBILIDADE DE REMIÇÃO E A LIBERTAÇÃO DE SI.....	26
4.1. As percepções das professoras.....	26
4.2. Os comentários dos coordenadores.....	32
4.3. O olhar dos Técnicos Superiores e Agente Penitenciários	34
4.4. As observações dos diretores.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – Entrevista elaborada para os diretores das casas prisionais.....	45
APÊNDICE B – Entrevista elaborada para os coordenadores da ação de remição pela leitura	46
APÊNDICE C – Entrevista elaborada para os Técnicos Superiores Penitenciários e Agentes Penitenciários.....	47
APÊNDICE D – Entrevista elaborada para as professoras.....	48
APÊNDICE E – Autorização de uso de entrevista.....	49
ANEXO A – Respostas das entrevistas das professoras.....	50
ANEXO B – Respostas das entrevistas dos coordenadores da ação de remição pela leitura	55
ANEXO C – Respostas das entrevistas dos Técnicos Superiores Penitenciários e Agentes Penitenciários.....	60

ANEXO D - Respostas das entrevistas com os diretores das casas prisionais.....	63
---	-----------

1. INTRODUÇÃO

Desde os mais primórdios tempos, a forma com que a Arte age sobre o ser humano é tema de debate. Em *A poética* (2014), Aristóteles já observou que a Literatura possui um poder transformador. O discípulo de Platão traz no livro em questão alguns conceitos até hoje importantes nessa Arte, como o da mimese e o da verossimilhança. É nesta obra, ainda, que o filósofo grego aborda a catarse. Ela seria um sentimento misto de temor e pena despertada pelas mais belas tragédias e que promoveria a purificação do leitor ou, no caso do teatro, da plateia. Essa purificação é tão profunda que se mostra transformadora.

Reconhecendo esse poder que forma e transforma da Literatura, buscamos neste Trabalho de Conclusão de Curso entender mais sobre o processo de transformação através da leitura de obras literárias dentro de um ambiente de crise: a prisão. Assim, observamos como a ação de remição de pena pela leitura instituída em casas prisionais do Estado do Rio Grande do Sul colabora não apenas na redução do tempo de cárcere dos presos participantes do projeto, mas também de que forma sua (trans)formação como indivíduo por meio da leitura e da escrita é vista pelos servidores que atuam no projeto.

Para esta pesquisa utilizamos como metodologia a realização de entrevistas com servidores participantes da ação de remição pela leitura em duas penitenciárias gaúchas. A construção do corpus se deu através dos dados levantados com os diretores das casas prisionais selecionadas, com os coordenadores da ação, com Técnicos Superiores Penitenciários (TSP) e Agentes Penitenciários (AP) e com as professoras que encaminham e corrigem as tarefas de leitura e escrita. A análise das entrevistas foi baseada na teoria de análise do conteúdo de Laurence Bardin (1979), referenciada no primeiro capítulo deste trabalho, quando detalhamos o processo metodológico utilizado.

Antes de entrar na análise em si, precisamos olhar para dentro dos altos muros e cercas das penitenciárias e buscar compreender o que é esse espaço criado para privar da liberdade aquelas pessoas que infringiram as leis de suas sociedades. Para tratar sobre a prisão, o espaço de crise que ela representa e esmiuçar o funcionamento da ação de remição pela leitura trazemos, no segundo capítulo deste estudo, autores como Michèle Petit (2009; 2010), Michel Foucault (2020; 1967) e Ana Messuti (2003). É também neste momento do trabalho que

apresentamos mais detalhadamente o perfil dos entrevistados e suas funções dentro do programa.

Após compreender o espaço de crise que representa a prisão, entender como funciona a ação de remição pela leitura e conhecer a função dos entrevistados, passamos, no Capítulo 3, para a análise. Com o aporte teórico de Petit (2009; 2010), Jorge Larrosa (2016; 2011; 1998), Michel Peroni (2003) e outros pesquisadores apresentamos os achados da pesquisa através dos quais buscamos confirmar a hipótese de que a leitura, junto com a escrita, pode (trans)formar o indivíduo.

Ao realizarmos a análise percebemos o quão importante e significativa é a leitura e a escrita num espaço de crise. Essas duas atividades alcançam resultados muito maiores do que a redução dos dias de pena proposta no programa, elas permitem que o participante da ação viva novas experiências. Esse vivenciar experiências, por sua vez, (trans)forma-os. Contudo, não é apenas o público-alvo do programa que passa por essa espécie de catarse. Os responsáveis pela execução da ação, principalmente as professoras, também acabam (trans)formados.

2. DA METODOLOGIA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo verificar em que medida a ação de remição de pena pela leitura instituída nas casas prisionais do Rio Grande do Sul contribui para o processo de (trans)formação dos apenados participantes das ações leitoras. Para alcançar esse objetivo, foram realizadas entrevistas estruturadas com as partes responsáveis pela efetivação da ação de remição pela leitura em duas penitenciárias do Estado que pertencem à 1ª Delegacia Penitenciária Regional (DPR), bem como com a direção desses estabelecimentos. Posteriormente, tais entrevistas foram analisadas sob a ótica da análise de conteúdo proposta pela autora francesa Laurence Bardin (1979).

Pelo fato de o trabalho envolver um tema bastante oportuno da nossa atualidade, como coloca Boaventura (2004), essa pesquisa se encaixa nos procedimentos de um estudo de caso. Em sua finalidade, ela adequa-se naquilo que o autor classifica como fundamental ou aplicada, ou seja, é uma pesquisa que “procura aumentar o conhecimento sobre o homem, a natureza e a própria humanidade” (BOAVENTURA, 2004, p. 56).

A apreciação dos dados coletados por meio das entrevistas respondidas por 10 pessoas envolvidas nas ações de remição pela leitura nos complexos II, III e IV da Penitenciária Estadual de Canoas (Pecan) e da Penitenciária Modulada Estadual de Montenegro (PMM) deu-se através de uma abordagem qualitativa que “corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou a evolução das hipóteses” (BARDIN, 1979, p. 115). Ressalta-se que a autora francesa teoriza hipótese como “uma afirmação provisória que nos propomos a verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise” (BARDIN, 1979, p. 98). A hipótese deste Trabalho de Conclusão de Curso é a de que a participação de presos na ação de remição pela leitura desenvolvida pela Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (Susepe) possibilita que, através dos textos lidos e das produções textuais, os apenados olhem para dentro de si e possam ver-se através dos textos e, quiçá, (trans)formarem-se a partir deles.

A escolha por entrevistas estruturadas de adesão espontânea deu-se pelo fato delas permitirem a construção de um corpus de pesquisa a ser analisado de acordo com a teoria proposta por Laurence Bardin (1979). Segundo a pesquisadora,

“a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1979, p. 38). Bardin (1979) salienta que a análise do conteúdo é uma técnica reinventada com frequência por ela poder se adequar de acordo com a pesquisa na qual é utilizada.

Bardin (1979) coloca, ainda, que a análise de conteúdo pode ser feita a partir de dois tipos de documentos: os espontâneos – ou naturais – e os gerados pela necessidade do estudo. No caso deste Trabalho de Conclusão de Curso, os documentos que formam o corpus foram criados a partir das respostas dos entrevistados às entrevistas realizadas, sendo assim gerados pela necessidade do estudo.

Para verificar a hipótese deste TCC e construir seu corpus foram idealizadas quatro entrevistas estruturadas de adesão espontânea diferentes. Uma foi criada para os diretores da casa prisional (Apêndice A), outra para os coordenadores da ação (Apêndice B), uma terceira aos demais Agentes Penitenciários e Técnicos Superiores Penitenciários participantes da ação (Apêndice C) e uma quarta para as professoras envolvidas no projeto (Apêndice D). As entrevistas foram realizadas pessoalmente durante os meses de fevereiro e março de 2020, sendo algumas gravadas e outras – por restrições internas da instituição – anotadas em manuscrito. Todas foram transcritas *ipsi litteris*, apenas com o nome de participantes e presídios sendo omitidos. Estas escolhas se deram por questões de ética da pesquisa e privacidade e, ainda, para enfatizar a narrativa de cada entrevistado. Todos os entrevistados assinaram uma autorização (Apêndice E) permitindo o uso das informações prestadas.

A entrevista destinada aos diretores das casas prisionais selecionadas buscava coletar a opinião deles sobre os benefícios que a leitura e posterior produção textual trazem aos apenados participantes da ação e quais outras opções de atividades de remição de pena existem na penitenciária, bem como quais mudanças são observáveis no comportamento dos apenados que participam da ação quando comparados com aqueles que não participam do projeto. Essa última indagação foi a mesma feita aos Técnicos Superiores Penitenciários e aos Agentes Penitenciários.

Aos coordenadores da ação também foi questionado acerca das mudanças de comportamento observadas nos apenados que participam da ação. Com esses atores, buscou-se aprofundar questões práticas do projeto como o número de apenados participantes da ação, como é feita a escolha dos livros e quais as formas de manutenção do acervo da casa prisional. Outras questões trataram do efeito que a ação teve em apenados que não participam dela.

Às professoras – ambas voluntárias – que desenvolvem o projeto nas casas prisionais selecionadas foi questionado se são observáveis mudanças na produção textual dos apenados. Para elas também foi provocada uma reflexão sobre a forma como a produção textual e a leitura de um livro podem auxiliar os apenados para além da redução dos dias de sua pena, bem como sobre o poder transformador da leitura e se ele é observável na ação.

A escolha por realizar as entrevistas na PMM e na Pecan deu-se pela oportunidade de termos acessos a dados de penitenciárias com realidades diferentes. Enquanto que os complexos II, III e IV da Pecan somavam, em janeiro de 2020, 2.367 apenados (SUSEPE, 2020), e com nenhum dos prédios com presos acima da sua capacidade de engenharia, a Penitenciária Modulada Estadual de Montenegro possuía uma população carcerária de 1.582 pessoas, sendo que sua capacidade é de 650 apenados (SUSEPE, 2020).

Outro fator interessante para a pesquisa foi o tempo em que a ação ocorre em cada casa prisional. Em Canoas, os encontros iniciaram em julho de 2019 (SUSEPE, 2019). Já em Montenegro tal ação teve início em setembro de 2019 (ALMEIDA, 2019). Assim, encontramos, por meio das entrevistas, percepções de equipes que desenvolvem a mesma ação em tempos e realidades diferentes.

Vale ressaltar que a ideia inicial para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso era entrevistar os apenados que participam da ação nessas casas prisionais. No entanto, os passos necessários para tal ação seriam demorados demais e demasiados complexos para uma pesquisa de conclusão de curso. Assim, optou-se pela via alternativa de pesquisar como as mudanças ou (trans)formações dos presos através da leitura e da produção textual são observadas pelas professoras e servidores da Susepe envolvidos na ação.

Com os dados coletados a partir das entrevistas, iremos realizar uma comparação entre as falas dos entrevistados separando-as e analisando-as

conforme elas foram pensadas. Assim, teremos as categorias de professor, de coordenador da ação, de diretor da penitenciária e de servidor envolvido na ação. Para não identificar os entrevistados durante a análise, iremos nomeá-los com nomes de importantes nomes da literatura brasileira. Essa é uma forma de homenagear grandes escritores do Brasil cujas obras passaram ou passarão pelas mãos dos apenados participantes da ação de remição pela leitura.

Essa análise, que permitirá a comparação direta entre as falas dos membros das mesmas categorias, será permeada por teorias sobre espaços de leitura e a ação da leitura em si. A principal base teórica para tal análise será extraída das reflexões da antropóloga francesa Michèle Petit e do filósofo espanhol Jorge Larrosa. Com a análise comparativa que cruza percepções acerca do mesmo tema e ação em espaços diferentes, queremos averiguar o que de semelhante e de diferente existe em cada uma das entrevistas e como cada envolvido, direta ou indiretamente, vê o projeto e seus resultados.

A partir deste exame, sem grandes pretensões, porém acreditando na relevância de nossas averiguações para a ação de remição de pena através da leitura, queremos contribuir para que este importante trabalho atinja seu propósito e, cada vez mais, receba parceiros para sua realização. Acreditamos que os resultados obtidos na pesquisa serão importante ferramenta de conscientização do poder que têm os livros, não somente para diminuir penas, mas para alimentar esperanças.

Mas antes, com o intuito de avançar nestes debates, propomos uma reflexão sobre o que é a prisão e o espaço de crise – um conceito trabalhado por Petit – que ela representa, bem como a presença da leitura nesse espaço. É neste próximo passo que também iremos analisar a portaria que estabelece o funcionamento da ação de remição pela leitura nos presídios do Rio Grande do Sul.

3. PRISÃO, REMIÇÃO E MEDIAÇÃO

Com uma população de mais de onze milhões de habitantes, o Estado do Rio Grande do Sul possui, também, infelizmente, um universo carcerário estimado pela Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) em 38.705 pessoas, sendo, em abril de 2020, 36.326 homens e 1.749 mulheres. Este público está diluído em mais de 100 unidades, entre penitenciárias e institutos penais, espalhadas pelo Estado.

Com o intuito de cumprir com o preceito foucaultiano (FOUCAULT, 2014) de que a prisão é uma forma de recuperar o comportamento do indivíduo, são muitos os projetos e ações existentes em cada unidade prisional a fim de atingir este propósito. Somos sabedores de que há grande distanciamento entre a expectativa e a realidade no que diz respeito a estas tentativas, tão bem intencionadas, mas que encontram inúmeros obstáculos pelo caminho. Contudo, para fins de estudo nesta pesquisa acadêmica, nos deteremos em trabalhar com alguns dados relacionados ao projeto de remição de pena através da leitura acolhido por algumas dessas instituições penais.

3.1. Prisão

Ao observar, à primeira vista, a Penitenciária Modulada Estadual de Montenegro (PMM) e os complexos II, III e IV da Penitenciária Estadual de Canoas (Pecan) notamos que as evidentes diferenças não estão somente no que diz respeito ao tamanho e à lotação de cada uma. Chegar à Penitenciária Modulada Estadual de Montenegro (PMM) é uma experiência oposta a de chegar aos complexos II, III e IV da Penitenciária Estadual de Canoas (Pecan).

A primeira está localizada no interior de Montenegro, cercada por amplos campos povoados por cabeças de gados. Há algumas poucas casas nas redondezas. Ir até lá implica em fazer um trajeto de quase três quilômetros por uma estrada de chão batido.

Já os complexos II, III e IV da Pecan estão localizados no subúrbio de Canoas, no bairro Guajuviras. O acesso a eles é praticamente todo asfaltado, a exceção é os últimos cerca de 500 metros. Até a rua que leva o visitante aos complexos da Pecan, a região é altamente ocupada por casas e outros imóveis. Ao redor dos complexos impera a mata nativa.

Para quem chega à PMM, salta aos olhos os altos muros e uma pequena parte cercada. Quem vai aos complexos II, III e IV da Pecan encontra um cenário oposto. Ao invés de muros, os prédios são cercados por altas cercas encimadas por rolos de arame farpado que permitem uma ampla visão. Chama, ainda, a atenção as altas caixas d'água e as guaritas erguidas no perímetro de cada galeria.

Cabe reiterar, aqui, o que apontamos no capítulo 1: enquanto que os complexos II, III e IV da Pecan somavam, em janeiro de 2020, 2.367 apenados (SUSEPE, 2020), e com nenhum dos prédios com presos acima da sua capacidade de engenharia, a Penitenciária Modulada Estadual de Montenegro possuía uma população carcerária de 1.582 pessoas, sendo que sua capacidade é de 650 apenados (SUSEPE, 2020).

Apesar de suas particularidades, a PMM e os complexos II, III e IV da Pecan se unem ao se encaixarem naquilo que Michel Foucault (1967) classifica, em sua conferência *De outros espaços* (1967), como heterotopias. Com relação ao termo, explica o autor, que heteros, de origem grega, significa o diferente e que está ligada à palavra alter, que significa o outro; topia, por sua vez, significa espaço. Essas heterotopias são existentes na e formados pela sociedade e apresentam-se de diferentes formas, mas sempre contestando e invertendo a cultura dessa sociedade. Ou seja, elas representam uma quebra no espaço comum. O pesquisador francês explica que estes espaços estão fora dos lugares aceitos, ou convencionalmente tidos como os espaços ideais ou idealizados. Mesmo sendo formados pelo aval da própria sociedade e sendo o reflexo dela, eles estão, na maioria das vezes geograficamente distantes, pois o propósito é manter-se o mais longe possível para não se parecer igual, mesmo que as formas de poder, os conflitos e as tensões nestes ambientes se reproduzem da mesma forma que na sociedade.

De acordo com o filósofo francês, as heterotopias são divididas em duas: as de crise e as de desvios. As segundas são “aquelas nas quais os indivíduos, cujos comportamentos são desviantes em relação à norma ou média necessárias, são colocados” (FOUCAULT, 1967). Neste ponto, tais reflexões abarcam o propósito das prisões. Contudo, com o passar dos tempos e as mudanças nas sociedades, esta separação em “de crise” e “de desvio” já não se sustentam e, se mesclam. O autor menciona que essas heterotopias de crise têm desaparecido e vêm sendo substituídas pelo que ele chama de heterotopias do desvio. Assim, os indivíduos que

se desviam da conduta ou da média tida como normal e aceita socialmente, são os que passam a habitar esses espaços. São os casos, por exemplo, das casas de repouso, dos hospitais psiquiátricos e das prisões.

Entre os princípios das heterotopias Foucault (1967) coloca o fato de que elas mudam conforme evolui a sociedade da qual elas fazem parte. Como escreve o francês, “cada heterotopia tem uma função determinada e precisa na sua sociedade, e essa mesma heterotopia pode, de acordo sincrônico com a cultura em que se insere, assumir uma outra função qualquer” (FOUCAULT, 1967). É o que ocorre com as penitenciárias, como o próprio Foucault descreve em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2014).

Outra característica das heterotopias é a sua relação com o tempo. Inclusive, Foucault (1967) cunha o termo heterocronia para citar essa relação. O autor escreve que “O auge funcional de uma dada heterotopia só é alcançado quando de uma certa ruptura do homem com a sua tradição temporal” (FOUCAULT, 1967). Ou seja, o apenado que cumpre sua sentença vive simultaneamente numa heterotopia e numa heterocronia. Em suas reflexões no livro *O tempo como pena* (2013), Ana Messuti trata dessa realidade. Para a advogada argentina, “A pena de prisão se diferencia de todas as outras penas pela forma como combina estes dois elementos: o tempo e o espaço” (MESSUTI, 2003, p. 33).

A autora reforça que o tempo vivido no cárcere difere daquele vivido de forma livre e que

Qualquer atividade que se realize durante esse tempo não será verdadeiramente atividade, estará impregnada do tempo e do espaço da pena. Ainda que aparentemente esteja em movimento, o sujeito da pena está imobilizado em determinado espaço, no qual transcorre um tempo diferente (MESSUTI, 2003, p. 44)

O que ocorre, então, é que o preso faz a suspensão do seu tempo, de sua vida real, digamos assim, e, em reclusão, instala um tempo diferente dentro do espaço diferente. Ele vive uma vida paralela imposta por este novo tempo criado dentro da prisão, dentro da cela, nesta heterotopia a qual está inserido. Contudo, a autora aposta neste tempo como algo responsável por mudanças quando diz que

Na prisão confiamos ao tempo a execução da pena. O sujeito que, expulso da comunidade de pessoas, entra na prisão, não será o mesmo que sairá da prisão e que se reintegrará a essa comunidade da qual foi expulso. O tempo (independente das condições em que transcorra) operará sua gradual transformação. (MESSUTI, 2003, p. 50)

Desta forma, a autora abre possibilidade de reflexão seguindo o caminho de que enquanto o espaço imobiliza o apenado, o tempo pode transformá-lo. Dessa forma, seguindo a perspectiva de análise de Messuti (2003), se este tempo for, então, bem empregado, for utilizado em ações positivas, ele poderá ser um forte aliado na recuperação e ressocialização deste indivíduo ocupante do espaço de crise/desvio.

Essa discussão sobre espaço e tempo da prisão remete ao que a antropóloga francesa Michèle Petit (2010) classifica como espaço de crise. Segundo a autora,

Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos –, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regularização, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. (PETIT, 2010, p. 20-21)

A prisão encaixa-se neste conceito de crise ao instituir brutais transformações nos indivíduos, principalmente, no que se refere ao espaço e tempo das pessoas, que agora são divididos com estranhos, unidos pelos desvios que cometeram. Assim, heterotopias e heterocronias surgem e cada um, a sua maneira, precisa dar conta de lidar com essas crises. A antropóloga observa que tais espaços tendem a abalar o ser humano e que “Provocam, às vezes, uma perda total de sentido, mas podem igualmente estimular a criatividade e a inventividade, contribuindo para que outros equilíbrios sejam forjados” (PETIT, 2010, p. 21). No meio de todo esse caos, Petit (2010) entende que a Literatura e a Arte têm uma função de reconstrução do sujeito.

Retomando as reflexões sobre a prisão como um espaço, Foucault (2014) comenta em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2014) que as penitenciárias têm como papel ser um “aparelho para transformar os indivíduos” (FOUCAULT, 2014, p. 225). De acordo com o filósofo francês,

Uma coisa, com efeito, é clara: a prisão não foi primeiro uma privação de liberdade a que se teria dado em seguida uma função técnica de correção; ela foi desde o início uma “detenção legal” encarregada de um suplemento corretivo, ou ainda uma empresa de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade permite fazer funcionar o sistema legal. Em suma, o encarceramento penal, desde o início do século XIX, recobriu ao mesmo tempo a privação de liberdade e a transformação técnica dos indivíduos. (FOUCAULT, 2014, p. 225)

Essa detenção legal encarregada de suplemento corretivo que menciona Foucault (2014) na citação aponta para a abertura de novas discussões acerca das reais transformações que sofrem os apenados dentro do sistema carcerário na atualidade. Talvez seja pensando nestas modificações que projetos como o de remição de pena através da leitura tenham sido criados.

3.2. Remição

Na perspectiva de ressocialização do indivíduo que se encontra aprisionado é que entram, então, as ações de leitura como um catalisador dessa (trans)formação. E, conforme menciona a pesquisadora brasileira Eliana Yunes (2013) em *Leitura como experiência*, “A consideração de que a leitura altera o leitor não é intuitiva ou de natureza especulativa” (YUNES, 2013, p. 13), mas sim, científica. Ela menciona que existem avançados estudos que “podem registrar os efeitos do que ouvimos e lemos em nosso córtex cerebral, indicando as energias neuronais mobilizadas e suas redes eletroquímicas a distribuir as reações para os órgãos terminais” (YUNES, 2013, p. 13). Assim, se lemos e ouvimos bons textos e histórias, elas podem interferir em nossos sentimentos e nos fazer ser, ou comportar-nos, de maneira diferente do habitual.

A cada dia é mais evidente para a sociedade em que vivemos que dominar a leitura e a escrita representa, além de possuir base para o que se convencionou de educação adequada, uma forma de poder. Ter conhecimentos de gramática e saber empregá-la, por exemplo, em situações do dia a dia nos coloca em posição superior a quem não tem este domínio. Estes saberes da leitura e da escrita acabam dando a quem os possui vantagens sociais com relação a quem não os têm. Essas vantagens vão desde compreender avisos, placas, números, até a possibilidade de identificar-se com personagens de livros e vivenciar novas – ou lembrar antigas – experiências através da leitura.

No contexto prisional, o fato de dominar a leitura e a escrita torna-se, muitas vezes, sinônimo de sobrevivência em meio à crise. A crise da solidão, a crise da desinformação, a crise da urgência em resolver suas pendências judiciais.

Segundo dados da Susepe, em abril de 2020, 63,27% da população carcerária masculina tinha como grau de instrução o Ensino Fundamental incompleto. Os que completaram esse nível de educação representavam, em abril

de 2020, 14,08% dessa população. Os alfabetizados eram 2,05% dos presos, enquanto que os analfabetos representavam apenas 0,08% da população carcerária masculina no Rio Grande do Sul. 12,67% dos apenados tinham o Ensino Médio incompleto e outros 6,57% o haviam concluído. Presos com o Ensino Superior incompleto representavam 0,88%, já 0,40% possuem Ensino Superior completo.

Dessa forma, as barreiras que os apenados encontram não são apenas as de tijolo, concreto e ferro impostas a eles por terem infringido leis da sociedade da qual fazem parte, mas outras tão duras e cruéis e não menos difíceis de superar: as do analfabetismo, da falta de letramento ou do distanciamento dos saberes que os livros oferecem a quem os lê.

Diante desta realidade tão difícil para os que se encontram aprisionados, algumas ações existem a fim contribuir para que a aproximação entre os presos e os livros aconteça. Trata-se de um projeto de remição de pena pela leitura que existe em vários estados da federação e que visa proporcionar aos presos o contato com diferentes leituras e, ainda, a redução de sua pena.

A ação de remição pela leitura nas penitenciárias e institutos penais do Rio Grande do Sul é regulamentada pela portaria de número 33/2019, da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (Susepe), que foi publicada originalmente em 28 de março de 2019 e modificada em 8 de maio do mesmo ano. Entre os itens que justificam a medida destacamos o que considera a leitura “uma atividade intelectual que, [...], se equipara ao estudo; contribuindo no processo de inclusão social” (SUSEPE, 2019).

De acordo com o artigo 1º da portaria número 33/2019, a remição pela leitura é destinada “às pessoas privadas de liberdade, com ou sem condenação” (SUSEPE, 2019). Além disso, é determinado que tenham preferência em participar da ação os apenados que não participam de outras atividades que garantam remição da pena pelo trabalho, pela educação ou por curso profissionalizante.

Para desenvolver a ação, as unidades prisionais precisam formar uma equipe interdisciplinar com a direção, servidores penitenciários e professores. Destaca-se que em ambas as casas prisionais onde as entrevistas para esta pesquisa foram realizadas contam com a participação de professoras de Português e Literatura voluntárias para desenvolver o projeto, opção dada pela portaria para quando não há servidores da Secretaria Estadual da Educação disponíveis.

O artigo 3º do documento reforça que a participação dos presos é voluntária e que podem se candidatar a participar da ação aqueles presos que “tenham competência de leitura e escrita necessárias para a execução da atividade de leitura e realização da avaliação” (SUSEPE, 2019). A necessidade de ter competência escrita se dá porque, após a leitura, os apenados elaboram um relatório de leitura. Também é exigido que o apenado tenha “conduta plenamente satisfatória” (SUSEPE, 2019).

O texto produzido é analisado pelo professor participante da ação que, por sua vez, prepara um relatório de avaliação. Caso a produção seja considerada apta, ela é encaminhada pela direção da casa prisional para o juiz competente, solicitando a remição da pena.

Cada leitura e posterior produção textual podem remir quatro dias da pena. Em 12 meses, por exemplo, o preso pode diminuir até 48 dias da sua pena. A produção textual precisa, segundo a portaria, ter entre 30 a 60 linhas. Neste texto devem aparecer “as ideias principais do livro” (SUSEPE, 2019). O professor deve observar ao corrigir o texto três quesitos: estética, limitação do tema e fidedignidade.

A avaliação da estética leva em conta o uso de margem e parágrafo, uso de letra legível e não haver rasuras no texto. A limitação do tema diz respeito a “Limitar-se a escrever somente o conteúdo do livro, isto é, não citar assuntos alheios ao objetivo proposto” (SUSEPE, 2019). O quesito da fidedignidade busca o veto da produção textual em caso de plágio.

A portaria determina, ainda, que a produção deve ser elaborada de forma presencial, em local específico determinado pela direção da casa prisional. Se o texto não for considerado apto, o documento prevê a oportunidade de o apenado fazer uma nova avaliação sobre o mesmo livro no mês seguinte. Se achar preciso, o professor pode realizar a avaliação através de uma prova oral.

A portaria número 33/2019 determina, ainda, que a leitura da obra literária deve ocorrer no período de 21 a 30 dias. Os livros a serem lidos são previamente determinados pela equipe responsável pela execução da ação. O artigo 14º do documento salienta que cada unidade prisional deve montar um cronograma de atividades da ação que inclua a escolha do livro do mês, a leitura da obra selecionada e a posterior produção textual.

Aos outros envolvidos na ação, a portaria esclarece que ao diretor da casa prisional cabe indicar, ao menos, um Técnico Superior Penitenciário (TSP) e um Agente Penitenciário (AP) para fazerem parte do projeto. É de responsabilidade do TSP, de acordo com a portaria, “coordenar o processo de remição e realizar outras atividades correlatas ao incentivo da leitura” (SUSEPE, 2019), bem como selecionar os presos participantes da ação. Ao AP cabe “realizar a segurança, verificar as questões de inteligência, movimentar os presos, bem como atualizar as listagens de presos participantes” (SUSEPE, 2019). Também é tarefa de ambos divulgar a ação de remição pela leitura aos apenados.

A portaria também estabelece que ações de fomento à leitura, como rodas de leitura, concursos literários e exposições, devem ser realizadas na unidade prisional. Inclusive, o documento destaca que tais ações podem envolver demais apenados e não apenas aqueles participantes da remição pela leitura. Assim, notamos que a portaria tenta incluir aqueles que, por diferentes motivos, não podem participar do projeto de remição.

Percebemos que o projeto é bastante rigoroso em suas determinações. Não é qualquer trabalho escrito que será aceito. Existem normas que devem ser observadas para que o texto do aprisionado seja válido. Assim, os iletrados e os analfabetos funcionais, são, automaticamente, afastados deste projeto. Certamente, existem outras ações voltadas a este público. Contudo, essa constatação reforça aquilo que mencionamos no início do capítulo quando dizíamos que esses conhecimentos colocam quem os têm em situação de vantagem social com relação aos que não os possuem.

Em *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (2014), Foucault faz um estudo sobre a história do cárcere na França. Tal estudo serviu para balizar as políticas penais de muitos países e apresenta ideias discutidas até hoje. É interessante notar que, logo nas páginas iniciais do livro, Foucault (2014) detalha o regulamento da Casa dos Jovens Detentos em Paris redigido por Léon Faucher em 1787 onde se lê que, ao final do dia, “Uma leitura de um quarto de hora, tendo por objetivo algumas noções instrutivas ou algum fato comovente, é feita por um detento, algum vigia, seguida pela oração da noite” (FOUCAULT, 2014, p. 12). Ou seja, desde então a leitura já recebia uma posição importante no ambiente do cárcere.

Ao lermos os apontamentos de Foucault (2014), percebemos seu entendimento acerca do real sentido do cárcere. O autor aponta que uma das obviedades que fundamentam a prisão é a de ela ser uma ferramenta de transformação dos indivíduos. Como escreve o filósofo francês, a prisão

tem que coletar permanentemente do detento um saber que permitirá transformar a medida penal em uma operação penitenciária; que fará da pena tornada necessária pela infração uma modificação do detento, útil para a sociedade. (FOUCAULT, 2014, p. 244)

E é nesse sentido de se coletar do detento um saber que o (trans)forma que aparece a ação de remição pela leitura desenvolvida em diversas casas prisionais do Rio Grande do Sul. Inclusive, é interessante notar que a premissa da ação de remição pela leitura vai ao encontro a uma das máximas universais da boa condição penitenciária destacadas por Foucault (2014). Trata-se da máxima de que “A detenção penal deve então ter por função essencial a transformação do comportamento do indivíduo” (FOUCAULT, 2014, p. 264). A ação também pode ser associada com a máxima na qual o filósofo prega que “A educação do detento é, por parte do poder público, ao mesmo tempo uma precaução indispensável no interesse da sociedade e uma obrigação para com o detento” (FOUCAULT, 2014, p. 265).

3.3. Mediação

Ler é uma experiência ao mesmo tempo solitária – porque, na maioria das vezes, é feita sozinha – e acompanhada – pelo diálogo feito, em diversas ocasiões sem se perceber, com o autor do livro. Como esclarece Michèle Petit em *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva* (2009), o leitor não é indiferente durante o ato da leitura. Ao receber o que o autor escreve, ele ressignifica aquilo que lê e aplica ali a sua vivência, reescrevendo o que leu. Assim, o leitor transforma o que lê, mas, como salienta a antropóloga francesa, “[...] ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo” (PETIT, 2009, p. 29). Podemos, assim, dizer que a leitura é uma via de duas mãos que transforma e é transformada.

Há, ainda, neste processo, alguns elementos importantes a serem mencionados e levados em conta. Trata-se da mediação, ou seja, de como as leituras chegam até os leitores. Há influência de alguém na seleção das obras? Há

quem indique as leituras a serem feitas? Há alguém que lê com ou para este leitor? As respostas a estas questões influenciam diretamente na experiência de leitura.

Mesmo a leitura sendo uma atividade solitária, o mediador, ao fazer a indicação, participa do círculo mágico que se forma no seu entorno. Através de sua recomendação, ele vai, de certo modo, participar do processo (trans)formador pelo qual o leitor passa. Quando a leitura for compartilhada, então, a interferência do mediador é mais direta, presencial, corporal. Assim, o tom de voz, as expressões corporais e faciais também são algo a serem lidos. Contudo, nesta nossa investigação acadêmica, trabalhamos com a mediação de leitura que ocorre de forma indireta, sem a participação presencial do mediador junto ao leitor no momento da leitura.

Acreditamos que muito além de remir dias da pena, o projeto que aqui analisamos permite que os apenados olhem para si e se (trans)formem, possibilitando uma libertação do seu antigo eu. Além desse processo (trans)formador, aqueles que estão privados da liberdade têm, por meio da leitura e seu caráter libertador, a possibilidade de se transportarem para outros espaços. Todos esses processos são mediados pelos participantes da ação de remição pela leitura.

Por questões de ética de pesquisa, nosso trabalho identifica os participantes do levantamento de dados sobre o projeto desenvolvido nas unidades prisionais, seguindo o que foi exposto no Capítulo 1, com o nome de um escritor brasileiro aclamado pela crítica por ser de grande relevância literária. Para manter a identidade dos entrevistados em sigilo, também não iremos identificar a casa prisional onde cada um deles atua.

Os diretores das casas prisionais onde as entrevistas foram realizadas serão citados como Jorge Amado e Erico Verissimo. Destaca-se que ao diretor da casa penal, mais do que apontar os integrantes da ação de remição pela leitura, cabe a responsabilidade pelo cumprimento justo da pena de centenas de apenados e da correta execução de suas funções de dezenas de servidores públicos. De acordo com a Lei de Execução Penal (LEP) (1984), para ser diretor é preciso ser formado em Direito, Psicologia, Ciências Sociais, Pedagogia ou Serviços Sociais, bem como ter experiência administrativa na área. É ele quem, por exemplo, pode restringir alguns direitos do preso como os de receber visitas e de ter “contato com o mundo

exterior por meio de correspondência escrita, da leitura e de outros meios de informação” (BRASIL, 1984).

Os coordenadores da ação os quais entrevistamos serão citados como Lygia Fagundes Telles e Graciliano Ramos. Ambos ocupam o cargo de Técnico Superior Penitenciário (TSP). Conforme prevê o plano de carreira da Susepe, estabelecido pela Lei Complementar número 13.259, de 20 de outubro de 2009, do Estado do Rio Grande do Sul, esses profissionais precisam ter o Ensino Superior completo em uma das seguintes áreas: Saúde, Humanas ou Exatas e Administrativas. No caso dos coordenadores, ambos possuem formação em Psicologia, na área da Saúde. Como TSP, entre suas funções está a de fazer parte de grupos interdisciplinares que “reduzam a vulnerabilidade psicossocial do preso, auxiliando-o no seu processo de socialização” (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 13), o que se liga à proposta de remição pela leitura.

Os demais entrevistados integrantes da ação de remição pela leitura também são TSPs, bem como um Agente Penitenciário (AP). O AP também deve ter como escolaridade o nível Superior de Ensino. No entanto, não há especificação da área de formação. Esse servidor tem entre suas funções a realização de escoltas de presos e rondas nas alas, bem como a de “executar programas e ações de apoio ao tratamento penal para socialização do preso” (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 11). Esses entrevistados serão citados como Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis e Clarice Lispector.

As professoras voluntárias serão chamadas de Adélia Prado e Cecília Meireles. Ambas são aposentadas e formadas em Letras. Uma delas tem uma experiência maior com voluntariado, fazendo parte da Pastoral Carcerária. Será a partir das entrevistas destas professoras que iniciaremos as discussões dos dados que levantamos. A experiência que elas têm na área de Letras e nas ações voluntárias nos fazem crer que o fio condutor do projeto é amarrado não somente por vontade, mas sim, por crença na reabilitação através da palavra em forma de Arte que, como teoriza o pesquisador e filósofo espanhol Jorge Larrosa (2016), forma, deforma e transforma.

4. LEITURA NO CÁRCERE: A POSSIBILIDADE DE REMIÇÃO E A LIBERTAÇÃO DE SI

O que é recorrente nos relatos dos entrevistados, e que nos deixa muito felizes, é que as mudanças que eles mencionam perceber nos participantes do projeto vão desde a redução no consumo de ansiolíticos até uma maior participação em conversas, na constatação de que há maior formação de opinião sobre os mais diferentes assuntos. O desenvolvimento do pensamento do apenado percebido por meio de conversas é destacado, nas entrevistas realizadas para esta pesquisa - que, agora, serão detalhadas e analisadas - como resultado da leitura.

Com os dados coletados a partir das entrevistas, realizaremos uma comparação entre as falas dos entrevistados que ocupam a mesma posição. Assim, teremos as categorias de professor, de coordenador da ação, de diretor da penitenciária e de servidor envolvido na ação, respectivamente.

Como mencionado no capítulo anterior, a análise começará pela entrevista com as professoras que participam da ação. Na sequência, analisaremos a fala de outros importantes atores no projeto: os coordenadores da ação. As percepções dos Técnicos Superiores Penitenciários e dos Agentes Penitenciários entrevistados seguirão a dos coordenadores. Fechando a análise, faremos a apresentação e ponderações sobre as entrevistas com os diretores das duas casas prisionais já citadas neste Trabalho de Conclusão de Curso.

4.1. As percepções das professoras

Primeiramente, gostaríamos de retomar a menção que antes fizemos sobre a participação das professoras nomeadas como Adélia Prado e Cecília Meireles como voluntárias do projeto de remição de pena pela leitura. Isso, por si só, já é um demonstrativo de que elas acreditam que o ato de ler – e também o de escrever – pode mudar a vida de um indivíduo. Além disso, elas garantem que é possível observar essa característica transformadora da leitura e da escrita nos apenados que participam da ação de remição pela leitura.

Para Adélia Prado, “é claro que há uma transformação (ao se ler), o texto propõe alguma coisa; ele deixa brechas; ele deixa espaços para serem preenchidos; ele deixa situações em que nós temos que decidir o que fazer” (PRADO, Anexo A).

É o que Petit (2009) classifica como a oportunidade que o texto dá para o leitor “decifrar sua própria experiência” (2009, p. 38). A antropóloga diz, ainda, que “As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão um lugar” (PETIT, 2009, p. 38), ou seja, elas são as brechas que são preenchidas pelo leitor, como diz Adélia. A professora salienta, ainda, que acredita que no sistema prisional a transformação propiciada pela leitura é algo necessário.

Inclusive, Adélia Prado cita como exemplo desse poder transformador da leitura – e da escrita – o fato de presos que não escreviam nada passarem a mandar cartas para suas famílias e, através disso, reatarem relações com os familiares. Os estudos da pesquisadora Eliana Yunes (2002) vão ao encontro desta fala da professora Adélia Prado e reiteram a presença de certo modo afetuosa das figuras familiares na vida do leitor quando diz que

Ao revisar nossas memórias de contato com a narrativa, primeiras sensações de discurso que experimentamos, elas aparecem inevitavelmente associadas a alguém que guardamos afetosamente. Às vezes mãe, avó, primeira mestra, há sempre um afeto guardado que nos chega assimilado a estes discursos mágicos com que fomos apresentados ao mundo que não víamos. (YUNES, 2002, p. 35)

Para a professora Adélia Prado, esse reatar das relações entre o apenado e seus familiares é algo capaz de redirecionar sua vida. Ao mesmo tempo em que ele se vê afastado da família, em um espaço de crise, há uma oportunidade de aproximação que foi permitida pela escrita e, certamente, incentivada pelas memórias que a leitura desencadeou.

Cecília Meireles, que diz ter experimentado ela própria o poder transformador da leitura, relata que sua experiência como professora voluntária no projeto a deixa muito contente por poder observar que os apenados têm demonstrado interesse tanto na proposta da ação quanto na leitura em si. Para Cecília Meireles, além dos dias reduzidos na pena, a ação permite que os apenados participantes modifiquem sua visão de mundo e olhem para si mesmos. Ela demonstra isso ao relatar que “eles estão se vendo, estão se enxergando, [...], eles estão raciocinando, pensando como eles chegaram naquilo e como é que eles podem, agora, mudar” (MEIRELES, Anexo A). Pelas palavras da professora, podemos perceber que os apenados estão, de certa forma, se reconstruindo a partir da leitura e, como escreve Petit (2009),

se o papel da leitura na construção de si mesmo é particularmente sensível na adolescência e na juventude, pode ser igualmente importante em todos os momentos da vida em que devemos nos reconstruir. (PETIT, 2009, p. 78)

Estando privado de sua liberdade, num espaço de crise, longe do seu núcleo familiar e cercado de medo e incertezas – além de grades e muros – há a possibilidade de o apenado refletir sobre o que se passa em sua vida naquele momento. Estar preso e, praticamente, sem interagir com o mundo exterior, abre espaço para ele olhar para o seu interior. Nesse processo, a leitura e a escrita podem ser grandes aliadas. Para Adélia Prado, essas ferramentas ajudam a construir sonhos.

A professora pondera que “tudo o que está escrito só é mutável se é lido, porque, se não, é letra morta [...]. Mas se é lido, aquilo que é escrito é mutável e ele (o texto) passa a fazer parte da vida daquele que lê” (PRADO, Anexo A). Por essa lógica, podemos dizer que isso demonstra que, ao fazer a avaliação dos textos produzidos pelo apenados, as professoras participantes da ação de remição pela leitura também acabam passando por um processo de (trans)formação. Segundo o filósofo espanhol Jorge Larrosa (2011), a experiência de leitura - que forma, deforma e transforma - ocorre em via de mão dupla: tanto leitor como o mediador não serão os mesmos depois da experiência, algo acontece neles, a partir dos textos, que os farão diferentes.

Ao encontro desta fala, em obra que trata de uma pesquisa realizada com adolescentes em privação total de liberdade e que cumpriam medidas socioeducativas, a professora pesquisadora da área da leitura, Izandra Alves (2019), comenta que a experiência de leitura tem relações de significação que podemos estabelecer com a palavra. Por meio de sua pesquisa, ela assegura que a experiência, no tocante à sua carga semântica, tem grande e ampla possibilidade de ação/transformação para aquele que esteja aberto a ela. Dessa forma, uma vez (trans)formado, esse indivíduo terá a certeza de que poderá contribuir para a (trans)formação de outros. Foi essa a observação feita pela professora Adélia Prado ao destacar que a absorção no/do texto pode ocorrer sem que a pessoa perceba, ou seja, a (trans)formação acontece sem nos darmos conta, uma vez que somos tocados pela leitura e pelos livros.

Um dos elementos destacado como importante pelas professoras participantes do projeto é de que não é apenas por conta da leitura que se faz a (re)construção do sujeito. A escrita também é importante nesse processo de (trans)formação. Conforme aponta Larrosa em *La experiencia de la lectura: Estudios*

sobre literatura y formación (1998), a escrita funciona “como uma espécie de espelho destinado para que a mente desbloqueada se faça consciente da sua própria desordem e, definitivamente, possa voltar ao repouso e à estabilidade” (LARROSA, 1998, p. 185. Tradução nossa)¹. Ao olhar para esse espelho, o sujeito vê a si mesmo e se rearranja por meio das palavras que são colocadas no papel. A escrita, assim como a leitura, é uma experiência e, conforme o espanhol, a experiência é “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, aos nos passar, nos forma e nos transforma” (LARROSA, 2016, p. 28). Dentro da ação de remição pela leitura, é na produção textual dos apenados onde as professoras encontram as maiores dificuldades.

Em sua entrevista, Cecília Meireles confidencia acreditar que o que é pedido para ser avaliado é muito “pesado” para alguns dos apenados que participam da ação. A professora comenta que em “alguns (casos) a escolaridade (do apenado) é muito baixa e eles (Susepe) estão pedindo para avaliar parágrafo, margem e essas coisas; e a grande maioria deles não tem essa capacidade” (MEIRELES, Anexo A). Inclusive, Cecília Meireles conta que recebeu pedidos para que ministrasse aulas de Português para os apenados.

Esse desabafo da professora vem ao encontro do que afirmamos em capítulo anterior acerca do domínio da escrita e da leitura como forma de poder. Isso porque saber ler, entender, compreender e expressar-se é uma possibilidade de manter-se “vivo” em um espaço de crise permeado pela dor, violência e sobreposição de uns sobre os outros. É dessa forma que este poder torna-se, ao mesmo tempo, exclusão. Isso porque sabemos que é grande o número de apenados que não é fluente em leitura por não ter esse hábito ou por não terem frequentado a escola. Quanto ao domínio da escrita, é ainda mais difícil para estes sujeitos, uma vez que em seus textos são observadas e exigidas regras e normas para serem aceitos para validação na ação de remição de pela leitura. Assim, quem não domina esses saberes é, automaticamente, excluído do projeto.

Por situação semelhante passa a professora voluntária Adélia Prado, que cita como exemplo a dificuldade que os apenados apresentam no uso da vírgula, um sinal gráfico que, como ela mesma observa, pode mudar o significado de uma frase

¹ “como una especie de espejo destinado a que la mente desbridada se haga consciente de su próprio desorden y, en definitiva, para que vuelva al reposo y a la estabilidad”¹ (LARROSA, 1998, p. 185)

se utilizado no espaço errado. Num movimento similar ao de Cecília Meireles, Adélia Prado propôs, junto à comissão responsável pelo desenvolvimento da ação, a realização de momentos especiais para se tratar da produção textual. A professora reforça, ainda, a crença de que escrever também é libertador. Ressaltamos que, na época em que ocorreram as entrevistas, das duas casas prisionais onde a pesquisa foi realizada, somente uma delas contava com um Núcleo Estadual de Ensino a Jovens e Adultos (NEEJA) em funcionamento, ou seja, apenas os apenados dessa unidade tinham a oportunidade de participarem de aulas de diversas matérias, entre elas a de Língua Portuguesa.

Sobre a mediação da leitura, as professoras revelaram utilizar métodos diferentes no que diz respeito à escolha dos livros. Enquanto Cecília Meireles preconiza que todos os apenados leiam a mesma obra, Adélia Prado permite que cada apenado leia o livro que quiser dentro de uma lista de obras pré-selecionadas pela professora em conjunto com os demais membros da ação de remição pela leitura. Para a construção da lista de leitura, Adélia Prado levou em conta o grau de instrução dos apenados que participam da ação na penitenciária onde ela é voluntária. Na entrevista, a professora revela que uma lista inicial de obras de autores brasileiros foi montada, no entanto, a pedido dos próprios apenados, livros de autores estrangeiros também foram incluídos na lista. A inclusão de obras estrangeiras pode ampliar os horizontes de leitura do apenado, mas levanta suspeitas em Adélia Prado por serem “uma tradução” (PRADO, Anexo A). A fala da professora dá a entender que ela crê que o processo de tradução possa afetar o texto.

Levantamos, brevemente, alguns apontamentos que julgamos pertinentes acerca da prioridade em escolher obras clássicas de autores nacionais. Escolha essa que pode ser ambígua. Ao mesmo tempo em que valoriza a cultura nacional e, muito provavelmente, apresenta personagens nos quais o apenado possa se reconhecer, a literatura nacional, principalmente a mais clássica e academicamente aceita – que é a que o projeto prioriza –, pode apresentar dificuldades no momento da leitura em razão do vocabulário rebuscado.

Se leitores experientes muitas vezes precisam recorrer a um dicionário ao ler um clássico de Machado de Assis ou de José de Alencar, os percalços que leitores com baixo letramento enfrentarão ao se deparar com esses livros serão, quiçá, tão

grandes quanto os muros que os cercam. O sociólogo e crítico literário brasileiro Antonio Candido (2011) aponta que só numa sociedade igualitária a literatura erudita circulará sem barreiras. No entanto, numa sociedade como a brasileira, que é altamente desigual, são diversas as barreiras apresentadas às classes menos favorecidas. Esses obstáculos vão desde a falta de acesso aos livros até o analfabetismo – ou o não letramento. O autor observa, ainda, que “Nas sociedades de extrema desigualdade, o esforço dos governos esclarecidos e dos homens de boa vontade tenta remediar, na medida do possível a falta de oportunidades culturais” (CANDIDO, 2011, p. 189-190). E é isso o que busca realizar a ação de remição pela leitura. Porém, talvez, utilizar-se de uma literatura mais “marginal” e que se aproxime da linguagem usada pela maior parte dos apenados seja mais efetivo, ao menos no início do projeto. Com o avançar da ação, pode-se avançar o nível de dificuldade da leitura proposta.

Adélia Prado salienta que a ideia principal é trabalhar com romances, no entanto livros de autoajuda, que, como observa a própria professora, permeiam o sistema prisional acabaram, acabam, igualmente, entrando na lista da ação de remição pela leitura na casa prisional onde ela desenvolve o projeto. Tal gênero pode não ter as características desejadas pela docente, no entanto podem oferecer um necessário conforto ao apenado que o lê e, quem sabe, incentivá-lo no hábito da leitura.

Já Cecília Meireles justifica sua opção por todos apenados lerem o mesmo livro dizendo que ter todos os apenados lendo o mesmo livro permite que ela identifique, na hora da correção, se todos realmente realizaram a leitura da obra indicada, bem como otimizar o seu tempo nesse processo. Inclusive, isso viabiliza com que ela faça um encontro para apresentar aos apenados o livro que eles irão ler e também fale sobre o seu autor, num momento de sensibilização. Essa atividade acaba servindo como um incentivo para a leitura.

As diferentes formas que as professoras definiram para realizar a escolha dos livros a serem lidos pelos apenados na ação de remição pela leitura mostram duas práticas didáticas opostas. Uma vertical – e tradicional –, com o livro sendo uma indicação expressa do mediador, e outra mais horizontal – e moderna –, com o leitor podendo escolher qual obra lerá. No entanto, em termos de resultados da ação,

observamos, por meio das entrevistas, que elas chegam a saldos semelhantes apesar das diferenças na didática.

4.2. Os comentários dos coordenadores

“Observamos mais efeito na capacidade de se expressar, na estima por si mesmo, no descobrimento, na descoberta de sua própria intelectualidade e, por consequência, na identidade e na satisfação de participar do projeto” (RAMOS, Anexo B). É assim que o Técnico Superior Penitenciário (TSP) e coordenador da ação de remição pela leitura numa das casas prisionais onde as entrevistas foram realizadas e nomeado nesta pesquisa como Graciliano Ramos define as mudanças de comportamento observáveis nos apenados participantes do projeto. A afirmativa vai ao encontro do que diz Michèle Petit (2010) ao comentar que “não é somente o reconhecimento de si que a literatura permite, mas uma mudança no ponto de vista, um encontro com a alteridade e talvez uma educação dos sentimentos” (p. 110). Quando cruzamos a fala do coordenador do projeto com a teoria da pesquisadora francesa, são evidentes as aproximações. Ao mencionar a “transformação” das identidades dos apenados, notamos que Graciliano Ramos percebe uma mudança em algo muito mais profundo do que simplesmente a identificação entre o leitor e o texto. O coordenador nota, na verdade, que o que o apenado leu movimentou seu interior.

Lygia Fagundes Telles (Anexo B), única psicóloga na casa prisional onde ela também é coordenadora da ação de remição pela leitura, observa outro fenômeno. Ela destaca que os apenados participantes da ação começaram a usar passagens de livros lidos como referência à sua vivência durante atendimentos. Ou seja, através da leitura os presos são capazes de expressar seus sentimentos o que, para Petit (2009), deixa o sujeito mais apto a mudanças. Como coloca a antropóloga, “Quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo” (PETIT, 2009, p. 71). A estudiosa francesa alerta, ainda, que

Enquanto o oposto, a dificuldade de simbolizar, pode vir acompanhado de uma agressividade incontrolada. Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar: seja o corpo que grita com todos seus sintomas, seja o enfrentamento violento de um corpo com outro, a passagem para o ato. (PETIT, 2009, p. 71)

Podemos dizer que encontrar narrativas literárias que refletem a narrativa de sua vida – ou que dão sentido a ela – faz o apenado compreender melhor a si mesmo e o auxilia a expressar seus sentimentos. A capacidade de simbolizar sua experiência de vida apresenta no detento o efeito calmante da leitura citado pelos diretores das casas prisionais onde as entrevistas foram realizadas e que é detalhado no subcapítulo 3.4 da presente pesquisa.

Sobre os reflexos da ação de remição da leitura entre a população carcerária, Lygia Fagundes Telles diz que não há dúvidas de que houve um aumento no número de detentos-leitores, com apenados não-participantes da ação começando a ler. A coordenadora salienta que na casa prisional onde ela atua existem, há anos, ações de incentivo e fomento à leitura, como a realização de festival de poesias, de oficinas de redação e de inscrições de produções textuais dos apenados em diferentes projetos. A entrevistada destaca, ainda, que a circulação de livros na penitenciária onde ela está alocada conta com a colaboração de facilitadores de leitura.

Esses facilitadores são apenados que ocupam diferentes funções dentro de um projeto de incentivo à leitura. Um deles é responsável pelo acervo da penitenciária e organiza caixas com cerca de 50 livros que são enviadas para as galerias. Lá, outros facilitadores realizam a distribuição das obras para aqueles detentos que têm interesse em ler. Lygia Fagundes Telles entende que essa cultura de leitura presente na casa prisional onde ela trabalha motivou os muitos pedidos de apenados para participar da ação de remição pela leitura. Infelizmente, como conta a entrevistada, nem todos puderam ser acolhidos por haver apenas uma professora voluntária para viabilizar o projeto.

Sobre o acervo de livros à disposição dos apenados, Lygia Fagundes Telles diz que ele é atualizado, no mínimo, uma vez por ano através de doações do Banco de Livros da Fundação Gaúcha dos Bancos Sociais. Doações voluntárias também ajudam a renovar as obras às quais os detentos têm acesso. Essas duas vias – doações voluntárias e do Banco de Livros – são as mesmas utilizadas para se atualizar o acervo da biblioteca da casa prisional onde atua Graciliano Ramos.

Graciliano Ramos, assim como Lygia Fagundes Telles, destaca que houve um aumento na procura por livros de parte de apenados que não participam da ação. Na avaliação dele, esse movimento ocorre porque há a expectativa, por parte

dos presos, de eles serem incluídos no projeto. O entrevistado observa que existe uma demanda reprimida para o ingresso na ação e diz, ainda, que o seu desejo é de que, com apoio de professores voluntários ou do Estado, seja possível envolver mais apenados na ação.

Na casa penal onde Graciliano Ramos atua, são 15 apenados participantes da ação. Já na penitenciária onde está lotada Lygia Fagundes Telles, a primeira avaliação foi realizada apenas por seis de 12 apenados que iniciaram a ação. De acordo com ela, entre o momento da leitura do livro e a produção escrita sobre a obra lida, ocorreram desistências e também transferências de apenados. Apesar da entrevistada não citar o motivo das desistências, é bem possível que a dificuldade para realizar a leitura e a atividade propostas levou alguns apenados a abandonar o projeto. Essas saídas geram prejuízo, principalmente, aos próprios apenados, tanto aos que deixaram a ação – e que não terão dias de sua pena remidos – quanto aos que aguardavam pela oportunidade de participar do programa, e que, possivelmente, acabam desanimando também, pois se alguém desiste é, teoricamente, porque há problemas.

Sobre a seleção das obras escolhidas para o projeto, ambos os entrevistados destacaram a participação das professoras nesse processo e a necessidade de se seguir as regras da portaria que rege a ação. Esse destaque reforça a sinergia necessária entre os atores participantes do projeto para que ele produza frutos e floresça cada vez mais dentro das casas prisionais onde é desenvolvendo e, também, entre em outras penitenciárias.

4.3. O olhar dos técnicos superiores e agente penitenciários

Em seu livro *Historias de lectura: Trayectorias de vida y de lectura* (2003), Michel Peroni (2003) traz uma série de histórias e considerações sobre a leitura na prisão e outros espaços de crise. Na obra em questão, o sociólogo aponta que há condições nas quais “A leitura, pela mesma razão que o jogo de xadrez, aliás, aparece como a última alternativa à loucura, entendida aqui como um atentado contra a definição de si mesmo como ser social” (PERONI, 2003, p. 115. Tradução nossa)². Ou seja, a leitura na prisão é uma forma pela qual o apenado pode manter

² “La lectura, por la misma razón que el juego de ajedrez, por cierto, aparece como la última alternativa a la locura, entendida aquí como un atentado contra la definición de sí mismo como ser social” (PERONI, 2003, p. 115)

contato com a sociedade, da qual foi afastado por conta do crime que cometeu, e manter-se como um indivíduo que dela faz parte, como um “ser social”. Destacamos que os livros lidos trazem histórias e personagens com os quais é possível que o leitor se identifique de uma maneira ou de outra; alguns mais, outros menos. Essa identificação passa, dentre outras maneiras, pelas percepções dos reflexos atemporais da sociedade que se apresentam ao leitor.

Ao analisarmos as entrevistas com os participantes intitulados Carolina Maria de Jesus, Clarice Lispector, Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis é possível dizer que através da leitura os apenados fogem dessa “loucura” citada por Peroni (2003) para enxergarem a si mesmos como sujeitos pertencentes a uma sociedade. Esse enxergar a si mesmo se dá pela maior confiança em si que os apenados apresentam ao participarem da ação de remição pela leitura e que é observada pelos entrevistados e, até mesmo, pela mudança no estilo de fala e dos tópicos discutidos em conversas.

Essas mudanças na fala e nos tópicos de conversas são comentadas por Clarice Lispector e Machado de Assis. De acordo com a Técnica Superior Penitenciária (TSP), os apenados apresentam evolução no seu vocabulário e “mudam a própria linguagem” (LISPECTOR, Anexo C). Isso seria observado, segundo a entrevistada, no uso de termos mais cultos da Língua Portuguesa. Para o filósofo espanhol Jorge Larrosa (2016)

[...] a linguagem não é apenas algo que temos e sim que é quase tudo o que somos, que determina a forma e a substância não só do mundo mas também de nós mesmos, de nosso pensamento e de nossa experiência, que não pensamos a partir de nossa genialidade e sim a partir de nossas palavras, que vivemos segundo a língua que nos faz, da qual estamos feitos. E aí o problema não é só o que é aquilo que dizemos e o que é que podemos dizer, mas também, e sobretudo, *como dizemos*: o modo como diferentes maneiras de dizer nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros. (LARROSA, 2016, p. 58)

Assim, podemos dizer que a mudança na forma de falar de alguns apenados participantes do projeto já é um reflexo da (trans)formação proporcionada pela leitura e produção textual desenvolvidas.

Já Machado de Assis afirma que percebeu que um dos apenados participantes da ação na casa prisional onde ele trabalha mostrou-se mais reflexivo, levantando questionamentos em conversas e “até um pensamento filosófico em relação à sociedade” (ASSIS, Anexo C). Nesse sentido, o Agente Penitenciário (AP)

conclui que “deu para ver que a leitura mexeu com ele (o apenado)” (ASSIS, Anexo C).

Já Maria Firmina dos Reis observa que a ação de remição pela leitura tem reflexos também na relação entre os próprios apenados. De acordo com a TSP, eles indicam livros uns para os outros e demonstram empolgação com a ação. Há, ainda, casos nos quais os apenados pedem livros específicos. A entrevistada dá como exemplo o caso de um dos presos que pediu pelo livro *Entre Irmãos*, de Elizabeth Strout, com o qual ele já havia tido contato quando estava em liberdade. Sobre o ato da leitura, Maria Firmina dos Reis conta que em conversas com apenados é comum eles referirem que ler é uma forma de envolver-se com uma história e transportar-se para outro espaço.

À época da entrevista com Maria Firmina dos Reis a professora que desenvolve o projeto na casa prisional onde a TSP trabalha estava afastada por questões de saúde, o que provocou a suspensão das avaliações. De acordo com a entrevistada, isso levantou questionamento por parte dos participantes, demonstrando o interesse dos apenados na ação. A entrevistada salienta, ainda, que a professora costuma, nos encontros, revisar regras da gramática da Língua Portuguesa, realiza leituras e também apresenta vídeos ou textos para sensibilização.

O interesse dos apenados pela ação de remição pela leitura também é destacado por Carolina Maria de Jesus. Segundo a TSP, aqueles que participam do projeto mostram-se bastante comprometidos com o cronograma. Ela reforça a importância da professora para o desenvolvimento da ação. Carolina Maria de Jesus salienta, ainda, que é possível observar mudança no comportamento de qualquer apenado que participe de alguma atividade que promova a remição da pena e que, na ação em questão, há um avanço no domínio da escrita por parte dos apenados. Domínio esse que lhes proporciona uma nova posição diante do mundo.

O ganho na confiança em si mesmo promovido pela ação de remição pela leitura se dá também através da produção escrita, como observa Clarice Lispector. A TSP diz que ouviu “relatos de alguns (apenados) que achavam que não eram capazes de escrever e viram que tiveram resultados positivos, que superaram (essa dificuldade)” (LISPECTOR, Anexo C). Ela complementa dizendo que esses apenados comentaram possuir dificuldades na escrita desde a época da escola e

que, agora – em um espaço de crise, mas com acompanhamentos –, superaram essa barreira. Clarice Lispector observa, ainda, que tal avanço traz mais confiança e estima aos apenados.

4.4. As observações dos diretores

Michel Peroni (2003), em *Historias de lectura: Trayectorias de vida y de lectura* (2003), afirma que a leitura na prisão apresenta-se como uma função terapêutica. O autor se apóia na citação de um dos apenados com quem conversou, que disse que “Penso que era uma boa terapia para mim, para dormir, em vez de tomar um comprimido” (PERONI, 2003, p. 95. Tradução nossa)³, para justificar essa característica presente na leitura na prisão – e que se repete em outros espaços, sendo eles de crise ou não.

Essa função terapêutica da leitura na prisão é observada – e destacada – também pelos diretores das duas casas prisionais onde as entrevistas para esta pesquisa foram aplicadas. Para o entrevistado nomeado como Erico Verissimo, o ato de ler tranquiliza a massa carcerária, deixando-a menos ansiosa. O diretor aponta para o fato de que “a literatura cria esse tempo que te distrai, cria essa distração e cria esse relaxamento também; e (cria) uma certa tranquilidade para a pessoa presa” (VERISSIMO, Anexo D).

O outro diretor, nomeado como Jorge Amado, também aponta o efeito terapêutico da leitura ao observar que ela é uma forma de tirar o apenado da ociosidade da cela e nota, ainda, que há uma diminuição do consumo de medicamentos ansiolíticos por parte dos presos que participam da ação quando comparado com aqueles que não fazem parte do projeto. Mostra-se, aí, o efeito tranquilizador da leitura para além da (trans)formação do apenado como indivíduo. Mais do que moldar o sujeito, a leitura também apresenta reflexos em sua saúde. O preso troca a pastilha que lhe acalma ao mexer com a química do seu cérebro pelo livro que têm o mesmo efeito calmante, não influencia no seu cérebro e ainda permite que ele viaje por meio das histórias fantásticas presentes na literatura.

Jorge Amado também refere que a leitura e a produção textual realizadas pelo preso participante da ação de remição pela leitura, para além dos dias de pena reduzidos, auxiliam “no desenvolvimento e no aprendizado” (AMADO, Anexo D) do

³ “Pienso que era una buena terapia para mí, para dormir, em lugar de tomar una pastilla” (PERONI, 2003, p. 95)

apenado. Nesse mesmo sentido, para além de uma ferramenta que ajuda a distensionar o ambiente da prisão, Erico Verissimo salienta que a participação na ação agrega ao apenado desenvolvimento cultural e proporciona, ainda, uma nova visão sobre o mundo.

Por meio da entrevista com os diretores das casas prisionais, tomamos conhecimento de um dado interessante: a remição pela leitura não é a única forma que os apenados possuem para reduzir o número de dias de suas penas. Ambas as casas prisionais possuem as chamadas ligas de cozinheiros, de faxineiros e de outros serviços básicos que são feitos pelos presos em troca da diminuição do tempo que eles ficarão privados de liberdade.

Numa delas, por exemplo, os presos podem, ainda, participar de oficinas de artesanato, de um projeto de reciclagem de produtos eletrônicos e, exclusivamente para os jovens entre 18 e 23 anos, de um projeto pioneiro de Jovem Aprendiz. Tal penitenciária conta também com nove turmas de 14 alunos cada do Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos (NEEJA). Na outra, existiam, na época da entrevista, como opção de atividades de remição para além da ação de leitura e das ligas internas, oficinas de costura e também de marcenaria.

Dessa forma, aqueles que não dominam a leitura também possuem oportunidades de diminuir seu tempo de pena. No entanto, essas oportunidades apresentam-se, em grande parte, na forma de trabalhos manuais. Com eles, os apenados podem sair da prisão com o conhecimento para exercerem um ofício e, assim, encontrarem um emprego e buscarem sua reinserção na sociedade. No entanto, a leitura e o processo de (trans)formação que ela exerce sobre o indivíduo pode ter um impacto maior após o apenado ter cumprido a sua pena porque ela ajuda a ampliar a visão de mundo, faz o sujeito olhar para si mesmo e, ainda, auxilia a construir sonhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sempre ouvimos professores, pais, leigos e teóricos que afirmam acerca do poder de transformação que têm os livros e a leitura sobre quem os lê. Larrosa (2016) destaca que a experiência, para que realmente aconteça, é sempre singular e mexe com a paixão da pessoa; para experimentá-la é preciso que algo aconteça não “com” o indivíduo, mas “nele”. Compreendemos o que diz o pesquisador quando analisamos os resultados desta pesquisa que aponta dados sobre prisioneiros que buscam, na leitura, a redução de seus dias de prisão. Contudo, muito além de remir dias, percebemos, através dos relatos dos pesquisados responsáveis pelo projeto nas unidades prisionais, que estes homens, por meio da experiência possibilitada pela leitura, diminuíram medos e ansiedades e aumentaram conhecimentos e esperanças.

Por meio da análise realizada podemos dizer que a hipótese que foi o fio condutor do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta-se como verdadeira. Ao cruzar os dados das entrevistas com a fala de teóricos é possível concluir que, sim, o ato de ler e escrever faz com que os apenados participantes da ação de remição pela leitura desenvolvida pela Susepe - ou ao menos parte deles - apresentassem (trans)formações.

Para além de reduzir a sua pena a cada livro lido e a cada texto produzido, a leitura e a escrita permitem que os apenados se identifiquem com personagens e a história contada e, com isso, passem a simbolizar suas experiências. Conseguir simbolizar o que lhes passa impacta a vida dos apenados de diversas formas que, como foi dito durante as entrevistas e relatado na análise do presente trabalho, vão desde retomar o contato com a família, passam pelo efeito calmante da leitura e chegam até o desenvolver da habilidade escrita. Esses são tanto processos de formação quanto de transformação. É por isso que usamos o termo (trans)formação: o resultado da ação tanto forma quanto transforma.

Destacamos que diferentes atores responsáveis pela operacionalização da ação observaram as mesmas mudanças nos apenados participantes do projeto. Isso reforça a (trans)formação resultante da leitura e da produção textual. Esse desenvolvimento pessoal possibilitado por meio da ação pode representar muito para a vida do apenado quando ele deixar os altos muros da prisão para trás. Ter a oportunidade de (trans)formar-se num espaço de crise durante um tempo de crise

pessoal faz com que o sujeito que retorna para o convívio em sociedade seja mais apto a compreender o que lhe passou e trilhar um novo caminho ao estar novamente livre.

Nesse processo de (trans)formação pelo qual passa o apenado participante da ação, destacamos a importância da experiência vivenciada a partir da literatura, bem como a ampliação do seu vocabulário. Com maior domínio da língua e experimentando diferentes vivências por meio dos livros, o indivíduo muda sua linguagem, sua forma de comunicação, e passa a se expressar de uma nova maneira. Inclusive, o apenado começa a compreender melhor o que lhe passa e responde melhor a essas experiências. Assim, uma vivência que antes resultaria numa reação violenta pode, com a (trans)formação ocorrida por meio da leitura e da escrita, ter uma resposta mais ponderada.

Para otimizar esse processo é importante que o indivíduo tenha espaço para colocar à prova essa nova linguagem - que também é uma nova identidade - e o diferente enfrentamento a vivências possibilitado pela leitura. Como fazer isso dentro da ação de remição? Para nós, uma prática possível é a de abrir espaço para que na produção textual solicitada aos apenados eles tenham a oportunidade de refletir sobre o que leram e não apenas escrever um resumo do livro. Como os participantes da ação de remição pela leitura possuem variados níveis de instrução e alguns apresentam dificuldade na escrita, essa reflexão poderia ser opcional. Inclusive, um texto mais reflexivo poderia servir como material de apoio nos momentos de atendimento das equipes de assistência social das casas prisionais.

No entanto, essa abertura de espaço para uma maior reflexão do preso pode encontrar a mesma barreira que a produção textual já solicitada pela ação encontra: a dificuldade de escrita que alguns apenados apresentam. Como observam as professoras entrevistadas, alguns indivíduos participantes do projeto não possuem total domínio da escrita e suas especificidades - um dos pontos a serem avaliados. Inclusive, é por isso que ações de alfabetização e oficinas de redação acabam sendo solicitadas pelos apenados participantes do programa de remição pela leitura. Como ferramenta de reinserção social, talvez, seria mais interessante que a ação tivesse um maior foco no conteúdo da produção - incluído aí as reflexões dos apenados - do que na forma. Ter espaço para dizer algo, independente da forma

que isso seja dito, é mais (trans)formador do que precisar se expressar por regras que irão lhe limitar - ou até intimidar.

Não defendemos que o correto uso da Língua Portuguesa escrita seja deixado de lado no momento da avaliação da produção textual referente ao livro lido para a ação de remição pela leitura, mas sim que o peso maior seja para aquilo que o apenado quis dizer, para sua reflexão. Além disso, a redação de textos é uma habilidade que evolui conforme é colocada em prática. Assim, com o passar do tempo e com a possibilidade de oficinas específicas de escrita, essa habilidade do apenado deve evoluir. Aliás, o próprio ato da leitura poderá, com o tempo, auxiliar nessa prática.

Para além disso, visto a realidade observada nas duas casas prisionais citadas neste trabalho, ressaltamos a importância de se ampliar o número de apenados participantes da ação. Tal medida poderia ser alcançada através de uma maior divulgação do projeto - o que pode ser feito por meio de redes sociais - para se atrair, principalmente, professores voluntários. Ter mais profissionais de Letras atuando no programa significa ter mais apenados usufruindo do mesmo e, conseqüentemente, mais pessoas passando pelo processo (trans)formador ocorrido através da leitura e da escrita.

É importante que façamos referência ao trabalho que todos os profissionais envolvidos no projeto de remição de pena através da leitura desenvolvem em suas unidades. Certamente, há dentre os colegas de profissão os que não acreditam no poder (trans)formador da leitura e da escrita. Contudo, estes que participaram desta pesquisa e que possibilitam a realização da ação são os que acreditam, são os que fazem acontecer, são os que fazem com que os seus dias e os dos apenados tenham um sentido diferente, uma esperança a mais.

Esta crença em um futuro com outras possibilidades a partir da incursão que cada apenado se permitiu fazer em seus interiores e que foi, agora, (trans)formado pela leitura, move os dias, reorganiza as horas e agita os corações, pois crer na palavra em forma de arte é crer na possibilidade de desestabilizar, de movimentar e isso comprova os dizeres de Larrosa (2016) de que, na experiência, algo acontece em nós. Assim, os profissionais que trabalham com o projeto também são, a cada experiência vivenciada, convidados à (trans)formação, pois presenciar/acompanhar

a caminhada de um leitor rumo ao seu interior e dele sair modificado é, de certa forma, também um convite à mudança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Clarice. Presos do semiaberto têm aula inaugural de remição pela leitura. **Jornal Ibiá**, Montenegro, 03 out. 2019. Disponível em: <https://jornalibia.com.br/destaque/presos-do-semiaberto-tem-aula-inaugural-de-remissao-pela-leitura/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

ALVES, Izandra. **Experiências de leitura com jovens privados de liberdade: a suspensão da condição de prisioneiros e a (re)construção de si**. Curitiba: CRV, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. Metodologia de pesquisa. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **Metodologia de pesquisa: monografia, dissertação e tese**. monografia, dissertação e tese. São Paulo: Atlas, 2004. p. 55-58.

BRASIL. Lei nº 7210, de 11 de julho de 1984. **Lei de Execução Penal**. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210compilado.htm. Acesso em: 26 abr. 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.

Estabelecimentos prisionais do RS dão início às atividades do projeto Remição pela Leitura. **Susepe**, 2019. Disponível em: http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=4&cod_conteudo=4111. Acesso em: 22 mar. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **De outros espaços**. 1967. Disponível em: http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html. Acesso em: 06 abr. 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

_____. Experiência e alteridade em educação. Tradução de Maria Carmem Silveira Barbosa e Suzana Beatriz Fernandes. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n 2, p.04-27, jul./dez. 2011.

_____. La ociosidad y la escritura. In: LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación**. 2. ed. Barcelona: Lartes, 1998. p. 183-185.

MESSUTI, Ana. **O tempo como pena**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003. Tradução de Tadeu Antonio Dix Silva e Maria Clara Veronesi de Toledo.

PERONI, Michel. **Historias de lectura:** Trayectorias de vida y de lectura. Cidade do México: Fondo de Cultura Economica, 2003.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. 2a ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2010.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Lei nº 13.259, de 20 de outubro de 2009. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lec%20n%C2%BA%2013.259.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2020.

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS DO RIO GRANDE DO SUL (SUSEPE). Portaria nº 33, de 8 de maio de 2019. **Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, 2019.

Susepe. **1ª DPR - Vale dos Sinos e Litoral.** Disponível em: http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=8. Acesso em: 02 abr. 2020.

YUNES, Eliana. Leitura como experiência. In: OSWALD, Maria Luiza; YUNES, Eliana (Org.). **A experiência da leitura.** São Paulo: Editora Loyola, 2013. p. 7-15.

_____. **Pensar a leitura: complexidade.** Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2002.

APÊNDICE A – Entrevista elaborada para os diretores das casas prisionais

1 – Sobre a ação de remição pela leitura: para além dos dias reduzidos na pena, o(a) senhor(a) entende que a leitura e posterior produção textual sobre o livro lido pode auxiliar de que forma o apenado?

2 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

3 – Há, nesta casa prisional, outras ações de remição de pena das quais os apenados podem participar? Se sim, quais?

**APÊNDICE B – Entrevista elaborada para os coordenadores da ação de
remição pela leitura**

1 – Como é feita a seleção das obras que podem ser lidas pelos apenados que participam da ação?

2 – Quantos apenados participam da ação atualmente nesta unidade prisional?

3 – O movimento na biblioteca da casa prisional aumentou após o início da ação?

4 – Quanto ao acervo da biblioteca, há renovação constante? Como são fornecidos os livros para a biblioteca da casa prisional?

5 – Há casos de presos que não participam da ação e que começaram a ler?

6 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

**APÊNDICE C – Entrevista elaborada para os Técnicos Superiores
Penitenciários e Agentes Penitenciários**

1 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

APÊNDICE D – Entrevista elaborada para as professoras

1 – O(A) senhor(a) crê que a leitura pode transformar o leitor? É possível observar esse processo transformador nos apenados que participam da ação de remição pela leitura? Como?

2 – Para além dos dias reduzidos na pena, o(a) senhor(a) entende que a leitura e posterior produção textual sobre o livro lido pode auxiliar de que forma o apenado?

3 – Como se dá a escolha do livro pelo apenado? É aleatória dentro de uma lista pré definida ou orientada? Todos leem o mesmo livro?

4 – Como tem sido a produção textual dos apenados, por meio do Relatório de Leitura? É possível observar mudanças?

APÊNDICE E – Autorização de uso de entrevista**AUTORIZAÇÃO**

Eu, _____, abaixo assinado, autorizo o estudante André Rafael Herzer, do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Campus Feliz do IFRS, a utilizar as informações por mim prestadas em entrevista de adesão espontânea para a elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “A remição pela leitura e o processo de (trans)formação dos apenados”, sob a orientação da professora doutora Izandra Alves.

_____, ____ de _____ de 20____.

Assinatura do(a) entrevistado(a)

ANEXO A – Respostas das entrevistas das professoras

Adélia Prado

1 – O(A) senhor(a) crê que a leitura pode transformar o leitor? É possível observar esse processo transformador nos apenados que participam da ação de remição pela leitura? Como?

Minha maior crença dentro do ensino de língua materna é a transformação pelo texto, seja leitura e a posterior escritura, porque a gente não só lê, mas automaticamente escrevemos. É claro que há uma transformação (ao se ler), o texto nos propõe alguma coisa; ele deixa brechas; ele deixa espaços para serem preenchidos; ele deixa situações em que nós temos que decidir o que fazer – se ele de fato é texto, aquilo que estamos lendo. Mas acredito piamente nisso e acredito que lá no sistema prisional precisamos deste tipo de transformação. A gente vê (a transformação) pelas falas, pelos próprios textos, porque eles vão, no decorrer do tempo, se transformando. O texto vai se transformando, então mostra bem isso, que houve uma transformação. Coisas bem práticas, até em relação às famílias. Já houve casos em que eles não escreviam nada e aí, depois, quando passaram a escrever, escreviam cartas para as famílias e reataram relações e isso muda a vida de um preso que não tem...que está lá e que não pode ir ao encontro e que espera que alguém vá e a família não vai, agora estava indo, dessa pessoa.

2 – Para além dos dias reduzidos na pena, o(a) senhor(a) entende que a leitura e posterior produção textual sobre o livro lido pode auxiliar de que forma o apenado?

É, eu acredito muito que a construir sonhos, porque tudo o que está escrito só é mutável se é lido, porque, se não, é letra morta, ela está ali. Mas se é lido, aquilo que é escrito é mutável e ele (o texto) passa a fazer parte da vida daquele que lê, pode ser até algo que a pessoa não tenha consciência, mas ela vai se transformar, vai se mudar, ela vai ter outra visão de mundo e, com isso, realmente eu acredito que há uma perspectiva pela frente de quem lê. Na verdade, eu até acredito é...já se queimou livros na história, a gente sabe, por quê? Justamente porque propunha a transformação que um poder dominante não quer que aconteça. Então, quanto menos pessoas lerem, menos escreverem, mais nós vamos ter pessoas levadas

pelo cabresto e isto é a condição *sine qua non*, o poder está ali. Então, eu acredito sim.

3 – Como se dá a escolha do livro pelo apenado? É aleatória dentro de uma lista pré definida ou orientada? Todos leem o mesmo livro?

Não, não todos leem o mesmo livro. Na verdade, existe uma lista...uma inicial, porque quando eu comecei com o trabalho na [omitido] não tinha remição pela leitura, então a gente iniciou propondo um lista de 20 nomes, eu propus, de 20 títulos e autores. A partir de que critério? A partir do critério da narrativa de autores brasileiros, porque a narrativa é mais fácil para tu poder perceber o enredo...tem toda uma linha que é mais fácil para qualquer pessoa, todo mundo sabe narrar alguma coisa oralmente. Então, o que aconteceu no começo: eu propus isso, mas existem presos que tem graduação, pós-graduação, psicólogos, médicos, então são pessoas que já têm uma caminhada de leitura e me perguntaram se podiam propor. Então, eu fui na coordenação: “Sim, vamos aceitar as proposições”. Então, alguns propuseram e a gente encaixou na lista. Então são vários, normalmente são 20 títulos que tem e eles escolhem o que querem. A ideia é que seja dentro da narrativa, mas já aconteceu (pedidos por) livros de autoajuda, porque é uma coisa que permeia muito pelo sistema prisional, então...mas a gente até deixou, para ver. E (livros de) autores estrangeiros também aconteceu (de serem pedidos) e a gente acabou deixando também. Afinal, é uma tradução, mas é bom que aconteça. É assim que acontece.

4 – Como tem sido a produção textual dos apenados, por meio do Relatório de Leitura? É possível observar mudanças?

Sim, é possível. Na verdade, os primeiros trabalhos tinham muita...o texto, aquilo que a gente não quer uma certa rigidez, o encaixamento do texto, mas ele tem algumas coisas que existem para facilitar para o leitor. Então, se o autor pode facilitar porque ele vai atrapalhar? Então, ele tem que seguir algumas regras pra poder facilitar a leitura, não é para ser corrigido, para “então eu estou certo e ele está errado”, mas...existem coisas que têm que estar num texto. Um exemplo é a virgulação, a virgulação ela pode transformar uma interpretação num texto. Então, claro, isso a escola não ensina...tenho...tive 28 anos dentro de sala de aula desde a

primeira séries, que eu trabalhei com Espanhol, na verdade, que era minha segunda língua, e também até a universidade, eu trabalhei no La Salle alguns anos, quando era Unilasalle ainda. Então, assim, a escola não ensina a escrever, na verdade, é uma das suas tarefas, ela é a grande, né, proponente da escrita, mas como ela não ensina e como o apenado tem, em geral, baixa escolaridade...aqueles que têm curso superior eles entram já por força do hábito, tiveram que aprender alguma coisa, querendo ou não querendo, tiveram que aprender porque leram muito, quem terminou uma pós-graduação já leu alguma coisa, né. Então, agora os outros que não passaram pelo sistema escolar, assim, de uma forma como deveriam ter passado, pararam no quinto ano. Esses aí não têm noção dessas coisas, mas aí, o que a gente fez: a gente propôs também...porque...para a coordenação que nós fizéssemos um encontro fora desse horário para propor algumas coisas que têm que aparecer no texto pra facilitar para a leitura. E eu dizia, eu brincava: “Para facilitar pra mim, né? Porque eu não estou aqui para perguntar para vocês: ‘olha, o que você quis dizer com isso?’”. Então, aí, eles concordaram com isso, de propor um encontro e deu certo e, ali, a gente explica um pouco que a escrita não é uma...não precisa ter uma bola de cristal para escrever, ela é uma tecnologia, ela é aprendível, portanto é ensinável e as pessoas podem aprender a escrever, e aí eles se libertaram. E aí você perguntou no início se há alguma transformação na escrita: há, muita, a partir do fazer, fazer e fazer.

Cecília Meireles

1 – O(A) senhor(a) crê que a leitura pode transformar o leitor? É possível observar esse processo transformador nos apenados que participam da ação de remição pela leitura? Como?

Eu acredito plenamente que a leitura transforma muito as pessoas. Nós dá uma visão muito grande de vida, uma amplitude maior, né. Isso eu digo por mim mesma, quando eu comecei a ler, como modificou a minha visão de mundo, de pessoas, de tudo. E quanto aos apenados, ali na...fazendo esse trabalho que é novo para mim também, eu tenho observado alguns, assim, que eles têm um sede de aprender, uma sede de melhorar, de falar, inclusive, eu dei vários...o primeiro livro eu questionei bastante eles sobre o primeiro livro, que foi o do Fernão Capelo Gaiyota, né, e eles assim se revelaram muito naquilo ali através das respostas que

me deram. Inclusive, a assistente social disse: “puxa vida, isso aqui é um material rico” para ela conhecer o apenado porque eles, né, se encontraram e se abriram. Eu acredito, né, a gente não consegue que todos tenham essa vontade de ler, porque é difícil formar um leitor, mas eu estou muito contente. Muito contente. Eles estão respondendo muito bem, estão interessados e estão me pedindo mais e mais, o que é interessante. Inclusive, estão me pedindo aulas de Português, que eu já comecei a dar para eles. Então, assim, parece que eles estão com aquela sede, assim, de aprender. Eu acho que falta muito, que faltou muito, para essa gente, que eu tenho visto, assim, oportunidades na vida.

2 – Para além dos dias reduzidos na pena, o(a) senhor(a) entende que a leitura e posterior produção textual sobre o livro lido pode auxiliar de que forma o apenado?

Na visão de mundo, a eles...por exemplo, eles se enxergam...eles se veem através da leitura. Eu percebo que eles estão se vendo, estão se enxergando, a realidade dele, eles estão raciocinando, pensando como eles chegaram naquilo e como é que eles podem, agora, mudar. Inclusive, ontem eu comecei a leitura do Ana Terra com eles e eu até levei uma frase do Érico Veríssimo sobre...que o Erico Verissimo disse que a vida começa todos os dias, né. E aí eu aproveitei para conversar com eles sobre isso. Então, eu acho que a leitura desperta, sim, desperta, ajuda...é uma forma de eles conversarem com eles mesmos através da leitura, eu vejo. E a gente, mais do que fazer um trabalho de leitura, a gente está, também, ouvindo muito eles, assim. Eu acho...eu acredito plenamente que não vamos recuperar todos, porque a gente sabe que 100% não, né, mas uma boa parte a gente consegue.

3 – Como se dá a escolha do livro pelo apenado? É aleatória dentro de uma lista pré definida ou orientada? Todos leem o mesmo livro?

Todos os apenados leem o mesmo livro. Por quê? Porque para eu saber se realmente eles leram, para eu poder saber o que ficou para eles daquela leitura, para mim fica difícil, por exemplo, eu tenho agora uma turma que tem uns 20 alunos, ler um livro de cada um e solicitar uma avaliação a cada um fica pesado para mim, devido a outros trabalhos que eu tenho. Então, eu seleciono os livros, eu seleciono

os livros, o primeiro livro tinha um objetivo, que foi fazer a abertura do trabalho, eu usei o Fernão Capelo Gaivota, que a gente já está, e foi muito bom, então agora a gente vai, inclusive, eu vou fazer um período com eles, um trabalho lúdico com eles desse livro e agora eu parti para o Ana Terra, por quê? Porque eu quero que eles tomem um pouco de contato com a nossa literatura aqui do Rio Grande do Sul, e eu comecei pelo Erico Verissimo, peguei a questão do Ana Terra, aquela parte ali do O Continente, que eu acredito que vai despertar esse interesse para eles lerem e eles entenderem um pouco mais de literatura, que eu vou aos pouquinhos dizendo o que é literatura, o que não é literatura.

4 – Como tem sido a produção textual dos apenados, por meio do Relatório de Leitura? É possível observar mudanças?

Bom, eu fiz uma primeira avaliação com eles, ainda, como eu disse, a minha experiência ainda é pequena, eu fiz a primeira avaliação com eles, mas eu usei também...eu fiz um trabalho com eles sobre o livro, então eu pude observar já as duas...nesses dois trabalhinhos que eles fizeram. Eu, inclusive já comentei lá na [omitido] e comentei aqui na [omitido], que eu acho que o que o projeto está pedindo para avaliar está sendo pesado para alguns porque (em) alguns (casos) a escolaridade (do apenado) é muito baixa e eles (Susepe) estão pedindo para avaliar parágrafo, margem e essas coisas; e a grande maioria deles não tem essa capacidade. Embora eu tenha explicado, eles apresentaram uma dificuldade muito grande nisso aí. Então, o que eu comentei, assim, que eu acho que a gente tem que avaliar o que ele, o esforço dele, e o que ele tentou passar ali. Porque se eu for avaliar essa parte aí, vão perder muito...porque não tem capacidade e muitos até se assustam, desistem, tem vergonha de escrever, não sabem colocar as coisas, então eu acho que o importante nessa avaliação, acho que pra mim deveria ser revista, é aquilo que ele entendeu, compreendeu e a resposta que ele deu para aquilo. Eu acho que teria que ser por aí porque eles não têm, assim, a escolaridade deles é muito baixa e eles não têm condições de responder a esse projeto da forma que eles estão pedindo a avaliação.

ANEXO B – Respostas das entrevistas dos coordenadores da ação de remição pela leitura

Graciliano Ramos

1 – Como é feita a seleção das obras que podem ser lidas pelos apenados que participam da ação?

As obras...elas são as obras clássicas. O acervo é selecionado dentro dos livros existentes pela comissão em concordância com a professora [omitido]. São escolhidas algumas obras mais fáceis para possibilitar acesso aos apenados que não contam com facilidade...com exímia experiência em leitura. A maior parte deles é da literatura clássica, romance, ficção, drama, best-sellers. Evitamos livros que tenham conteúdo religioso específico ou que possam vir a ser sectários. Fora esse cuidado, dentro do bom senso, todos exemplares são aceitos.

2 – Quantos apenados participam da ação atualmente nesta unidade prisional?

Atualmente, 15 apenados trabalhadores.

3 – O movimento na biblioteca da casa prisional aumentou após o início da ação?

Aumentou porque os apenados viam na remição pela leitura a oportunidade de reduzir a pena, conseqüentemente, leem mais livros. Existe uma demanda reprimida para o ingresso no programa e uma capacidade estrutural incompatível com o ampliar o projeto neste momento. Com mais professores, sejam eles voluntários ou concursados da secretaria de Educação, gostaríamos de ampliar para 100 vagas, interiorizando o mesmo também para dentro das galerias.

4 – Quanto ao acervo da biblioteca, há renovação constante? Como são fornecidos os livros para a biblioteca da casa prisional?

Cada galeria tem uma biblioteca, com centenas de exemplares. O acervo vai aumentando conforme solicitamos livros ao Banco de Livros, nosso principal parceiro, ou abrimos para doações voluntárias. Em verdade, conseguir livros não tem sido um problema.

5 – Há casos de presos que não participam da ação e que começaram a ler?

Sim, na expectativa de serem incluídos em algum momento no projeto e, principalmente, presos que não sabem...que leem e escrevem com dificuldade se mostram interessados em se incluírem em alguma turma de alfabetização regular. No complexo penitenciário existe o NEEJA (Núcleo Estadual de Ensino a Jovens e Adultos) e a professora [omitido], por iniciativa própria, também tem tentado alfabetizar alguns de forma voluntária.

6 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

Em comportamento, deve ocorrer, mas tenho...observamos mais efeito na capacidade de se expressar, na estima por si mesmo, no descobrimento, na descoberta de sua própria intelectualidade e, por consequência, na identidade e na satisfação de participar do projeto. Esses fatores são bem importantes.

Lygia Fagundes Telles

1 – Como é feita a seleção das obras que podem ser lidas pelos apenados que participam da ação?

Tem uma indicação geral, assim, do órgão que organizou, que efetivou essa portaria, que é o DTP Educacional, que fica em Porto Alegre na secretaria, eles têm uma orientação geral, assim, uma indicação. Ela não é para obrigar a serem aqueles livros e tal. Então, a gente se baseia um pouco nessa indicação, mas a gente trabalha muito com a realidade, porque como...a biblioteca, o setor de livros aqui, é mantido a partir de doações do Banco de Livros e da comunidade, enfim, a gente tenta trabalhar com aquilo que a gente tem à disposição. Então, nós fizemos da seguinte forma, aqui, né: nós apresentamos o nosso acervo para a professora voluntária, ela olhou o acervo, conheceu, ela viu tanto a listagem quanto conheceu fisicamente o acervo, conversou com o apenado que trabalha na organização, que é o facilitador de livros, né, e, a partir disso, ela sugeriu alguns títulos para trabalhar.

Títulos que ela julgou que fossem importantes, que ela conhece e tem domínio. Assim que nós fizemos a escolha para esse primeiro módulo, né.

2 – Quantos apenados participam da ação atualmente nesta unidade prisional?

Nós começamos com 10, na verdade, nós iríamos fazer o piloto com 10. Acabamos com 12, mas finalizamos, mesmo, na avaliação, com seis. Nesse período, entre a leitura, o mês de leitura, e a avaliação, seis...alguns desistiram, outros foram transferidos, teve uma rotatividade. Para esse segundo módulo nós teremos um outro grupo, provavelmente de 10, mas a gente não “estartou” ele pelas férias da professora voluntária.

3 – O movimento na biblioteca da casa prisional aumentou após o início da ação?

A gente não...isso não é uma coisa que impactou. Aqui, não sei...como funciona aqui a distribuição de livros: nós temos uma sala, que ela é uma sala de livros. A gente não chama de biblioteca e também não chama de bibliotecário porque sofremos algumas sanções já por usar essa terminologia. Então, é sala de livros e o apenado trabalhador é o facilitador de leitura, e até porque é uma sala de livros, eles não vão lá nessa sala ler. Como funciona aqui: ela é uma sala que concentra os livros, né, mais ou menos quase dois mil títulos variados, só que ela é uma sala que se tu for lá agora tu não vai achar ela cheia de livros porque os livros estão nas galerias, então, todos os meses esse apenado facilitador ele separa uma caixa com em torno de 47, 50 títulos variados, de tudo, desde espírita, enfim, literatura, mistura bem, mescla, com um lista em Excel e manda, e aí a gente envia, via segurança, para dentro de cada galeria essa caixa lá dentro, então, um outro facilitador de leitura, daí da galeria, recebe e se responsabiliza em distribuir. Então, assim, a gente sempre teve muita circulação, sempre foi, nós já tivemos aqui, agora é esse projeto de remição pela leitura, mas nós já tivemos um festival de poesias, já tivemos o Dia da Leitura Sesi, o desafio aquele que eles fazem às vezes, se não me engano é esse. Então a gente sempre conta com alguma coisa cultural que envolva a leitura, a gente já teve autores também...a gente percebe que isso fomenta. Já tivemos uma reportagem da Zero Hora aqui sobre a leitura para os apenados, aí

eles veem isso repercutir e se interessam mais. Não dá para dizer que eu vou te dizer que impactou, mas teve muito pedido para participar do projeto (de remição pela leitura). Mais do que a gente conseguiu acolher.

4 – Quanto ao acervo da biblioteca, há renovação constante? Como são fornecidos os livros para a biblioteca da casa prisional?

É, não vou dizer que tem renovação constante. Assim, ò, a gente – nós do setor técnico, os técnicos superiores penitenciários, psicóloga, assistente social – ...as assistentes sociais, geralmente, todo o ano ela fazem um pedido para o Banco de Livros via ofício para dar uma mudada, assim, porque os livros com essa coisa de ir para a galeria, volta, elas vão se desgastando, muitos são danificados, eles riscam, às vezes, em alguns livros, assim...ah, ou o livro circulou muito e foi perdendo página, então esse a gente vai tirando e aí tem que renovar. Então, todos os anos a gente pede uma doação. Às vezes assim, ò, duas vezes ao ano a gente pede uma doação de livros, daí o que eles conseguem mandar a gente acolhe e incorpora no nosso acervo e retira aqueles que estão mais danificados.

5 – Há casos de presos que não participam da ação e que começaram a ler?

Sem dúvidas...O fomento e incentivo a leitura já acontece neste EP (Estabelecimento Prisional) a cerca de oito anos, época em que se fortaleceu o trabalho técnico de assistentes sociais e psicólogos na [omitido]. Além de manter o acervo bibliográfico sempre atualizado em parceria com o Banco de Livros e a distribuição de livros dentro das galerias atendendo e oportunizando leitura a todos os apenados, o setor técnico da [omitido] sempre promoveu ações de incentivo à leitura, mesmo que destas não fossem proporcionadas remição. Cito como exemplo um festival de poesias alusivo ao Dia da Mulher, o Dia da Leitura do Sesi, oficinas de redação, a inscrição de produções escritas em concursos da Defensoria Pública e a inscrição de produções escritas no livro Vozes de um Tempo.

6 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da

ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

Como integrante dessa equipe da remição pela leitura e única psicóloga da [omitido] eu acabo acompanhando e atendendo muitos presos e de histórias diferentes e eu posso te dizer que sim. Uma coisa que a gente acostuma um pouco trabalhando no sistema penitenciário é que a gente não tem, às vezes, um impacto numeroso, quantitativo, mas a gente vai ter um impacto...se tu buscar um número vai ser difícil, mas não quer dizer que tu não conseguiu...então, desses aí que participaram do projeto eu posso te dizer que tem alguns que levaram super a sério a coisa de estudar e mesmo não tendo a remição eles focaram em ler um livro agora nesse mês de janeiro, mesmo sabendo que não ia valer nada. E volta a meia, o fato de ter tido a aula sobre o livro, porque a professora fez uma discussão e tal, motivou. Volta e meia eles trazem o livro como uma referência em algum assunto ou durante o atendimento, assim: “ah, que nem aconteceu no livro que eu li”. Então, sim, foi um impacto bem positivo. Eles estão mais com sede mesmo, assim, com vontade de aprender. Parece que acendeu o interesse ali.

ANEXO C – Respostas das entrevistas dos Técnicos Superiores Penitenciários e Agentes Penitenciários

Carolina Maria de Jesus

1 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

A gente percebe bastante diferença, na verdade, de qualquer apenado que participa de alguma ação. Percebi eles bem comprometidos com o cronograma, vi o comprometimento deles perguntando como fica o cronograma, quando a professora vem. Não precisava cobrar. A questão da escrita, comentando com a professora, há evolução. Tem bastante diferença. Os que são da mesma galeria nos perguntam, veem o movimento e acaba contagiando. A professora foi fundamental desde o início, ela se comprometeu a fazer uma sensibilização, não apenas jogar o texto, tinha um questão da motivação. Nós da comissão, junto com ela...ela tem essa visão da motivação. Não só a parte escrita, tem todo o contexto que ela avalia bem, teve um comprometimento bem grande.

Clarice Lispector

1 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

Sim, a gente observa uma melhora na parte de comunicação deles, na autoestima deles, na fala. (Percebe-se) Como aumenta um pouco o vocabulário...eles mudam a própria linguagem, eles têm o que a gente considera uma linguagem mais culta. O principal é a própria confiança, na estima, eles passam a se sentirem capazes. Ouvi relatos de alguns (apenados) que achavam que não eram capazes de escrever e viram que tiveram resultados positivos, que superaram (essa dificuldade). (Falavam) Que desde a escola tinham essa deficiência em escrita e agora a superaram.

Machado de Assis

1 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

Tem, tem diferença. Até porque tem um trabalhador nosso aqui, um preso que é trabalhador que participou das primeiras aulas ali e se mostrou bastante reflexivo quanto à leitura, então isso mostra que é um processo que se for aprofundado ele tem bastante possibilidade de dar frutos. Gerou reflexão nele. É justamente o questionamento, ele veio conversar comigo, como ele trabalha com nós aqui, e levantou algumas questões, digamos assim, o desenvolvimento do próprio pensamento, até um pensamento filosófico em relação à sociedade e et cetera. Então, nesse sentido assim, deu para ver que a leitura mexeu com ele.

Maria Firmina dos Reis

1 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

O que eu vou te dizer...não sei se comparado com os que não participam. Hoje, são 15 apenados que trabalham (que participam do programa), que a gente tem contato diariamente, então tu consegue observar os frutos. Os demais têm contato pelos facilitadores de leitura. Os outros (que participam da ação) a gente consegue ver pela empolgação, pedem por livros, um indica para o outro. Teve um (que pediu) um livro gigante, Entre Irmãos, era grande. Ele disse que conhecia da rua, chegou a ler e outros apenados indicaram. Conversando, muito do que eles dizem (sobre a leitura) é de se transportar. Envolvendo-se com a história tu consegue se transportar. Há dois meses estamos sem avaliações por doença da professora. Ela faz leitura, (trabalha) regras de português, (vê) quais foram as dificuldades...esse método tem um retorno. Volta e meia perguntam quando voltam as avaliações. O projeto é muito positivo, gostaria de ampliá-lo. A professora é voluntária, mas há outros interessados. Está sendo bem legal o desenvolvimento, tem colegas que ligam para saber como funciona. Por (os apenados participantes da ação) serem trabalhadores e termos contato, percebemos o quanto eles leem, que

tem o acervo e que eles pedem para ter outras opções de leitura. Nosso sonho é ampliar. A gente sabe que a leitura tem função terapêutica. É uma atividade que vem dando certo. A direção super abraçou. As avaliações a gente faz no salão, coloca o datashow, a professora traz algum vídeo, algum texto. Isso tudo agrega ao projeto.

ANEXO D - Respostas das entrevistas com os diretores das casas prisionais

Erico Verissimo

1 – Sobre a ação de remição pela leitura: para além dos dias reduzidos na pena, o(a) senhor(a) entende que a leitura e posterior produção textual sobre o livro lido pode auxiliar de que forma o apenado?

Hummm...primeiro que a leitura ela traz uma certa tranquilidade por questão da ansiedade, que aqui é muito grande a...a clausura em si, o fato de a pessoa fechada ela já fica muito ansiosa. Então a literatura cria esse tempo que te distrai, cria essa distração e cria esse relaxamento também; e (cria) uma certa tranquilidade para a pessoa presa. Então ela tem esse benefício, além da remição em si, de tranquilizar a massa carcerária. É mais uma forma de várias que a gente procura assim atender por devido a essa superlotação que a gente tem hoje, que acaba causando essa tensão maior. Então a leitura é mais uma ferramenta que vem ajudar a distensionar o lugar.

2 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

Ah, sim, com certeza essa questão da pessoa ficar mais tranquila, tem essa distração, essa ocupação. Tem essa questão da ansiedade, que diminuiu bastante, para quem acaba que não se ocupando em nada. Tem essa questão da remição, tem os trabalhos que são realizados aqui dentro, que tudo vem a somar, né, mas tem diferença, sim, com certeza. O comportamento da pessoa, (ela) fica mais tranquila, não tão agitada, fora o desenvolvimento cultural que vai agregando aos poucos, que a gente tem aqui a questão que as pessoas presas aqui, na maioria, tem baixo índice de escolaridade. Então isso também ajuda a dar um novo viés, uma nova visão.

3 – Há, nesta casa prisional, outras ações de remição de pena das quais os apenados podem participar? Se sim, quais?

Sim, sim, tem. Tem oficinas aqui. A gente tem duas oficinas de marcenaria, tem uma oficina de costura também, fora os trabalhos internos de manutenção,

cozinha geral, faxina, que tudo também vem bem a calhar, vem dar essa acalmada. Tu vê que esse lugar, essa cadeia, apesar de ela estar superlotada é um ambiente bem tranquilo, tu não houve barulho.

Jorge Amado

1 – Sobre a ação de remição pela leitura: para além dos dias reduzidos na pena, o(a) senhor(a) entende que a leitura e posterior produção textual sobre o livro lido pode auxiliar de que forma o apenado?

Nos conhecimentos gerais do preso, no desenvolvimento e no aprendizado.

2 – Desde o início da ação de remição pela leitura na casa prisional, é possível observar diferença no comportamento dos apenados participantes da ação, se comparado aos que não participam? Se sim, quais diferenças são observáveis?

Sim, porque tem diferença por que eles saem da ociosidade da cela, ocupam o tempo deles com essa atividade e também ajuda na disciplina, até porque ele está tendo uma remição, o que pode diminuir o cumprimento de pena. Também se nota que até se diminui o consumo de medicamentos ansiolíticos em relação aos que não participam da ação.

3 – Há, nesta casa prisional, outras ações de remição de pena das quais os apenados podem participar? Se sim, quais?

Tem. Tem o programa Jovem Aprendiz, para jovens de 18 a 23 anos, que eles têm a carteira assinada por uma rede de supermercados. Além da remição, eles ganham meio salário mínimo e estão fazendo um curso na área de mercado: repositor de estoque e almoxarifado. Tem também as oficinas de artesanato. Esse programa Jovem Aprendiz é pioneiro nas cadeias do Estado. Tem o Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos, que tem nove turmas com 14 alunos e quem dá as aulas são professores da rede estadual. Tem mais o projeto Sustentare, que é a reciclagem de produtos eletrônicos. Tem um monte de ações...tem mais as ligas internas de cozinheiros, faxineiros, almoxarifado. A comida feita para os servidores é feita por mão de obra prisional. O corte de grama, jardinagem, cozinha geral, padaria.